

INEZIL PENNA MARINHO

SUBSÍDIOS
PARA
O ESTUDO DA METODOLOGIA
DO
TREINAMENTO DA CAPOEIRAGEM

RIO

1944

Este trabalho se encontra rigorosamente enquadrado no item III da alínea g de art. 10 do edital do Concurso de Trabalhos sobre Educação Física, promovido pela Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde no ano de 1944.

PLANO

PLANO

O presente trabalho é uma tentativa de sistematização da capoeiragem, sabido como é que esta tem vivido mais de tradições, de lendas, de histórias do que de fatos e ensinamentos compendiados. A capoeiragem representa um elemento do folclore nacional, não por que tenha sido praticada pelos nossos íncolas, mas porque foi aqui introduzida com os primeiros escravos, os negros bantús, e encontrou, dentro do ritual religioso a que se entregavam e, posteriormente, quando das revoltas, como excelente meio de defesa aos capitães do mato que os procuravam agarrar vivos, um campo fértil para o seu desenvolvimento. Interessante é assinalar a forma por que os mestiços - mulatos - a assimilaram, conseguindo que alcançasse maior eficiência e se tornasse mais temida. O capoeira era um indivíduo respeitável, com o qual todos evitavam entrar em conflito, inclusive a polícia. Os mulatos, geralmente menos corpulentos que os negros, menos sobrecarregados de músculos de força que o trabalho pesado desenvolvia, mais ágeis, mais flexíveis, mais elásticos, mais nervos do que músculos, representavam o tipo ideal do capoeira, pois a tais qualidades físicas somavam maior coragem, maior audácia, libertos que se encontravam do espírito de submissão arraigado à raça negra, pelo menos naquela época. Tivemos grande dificuldade em reunir a documentação que aqui se encontra; êsse trabalho nos obrigou a ler grande número de livros, os quais, a mór parte das vezes, nem se quer de

leve se referiam ao assunto; e nos decepcionávamos com o tempo perdido, para nós tão precioso. Outros com mais recursos, talvez a própria Divisão de Educação Física, poderão continuar o labor que iniciamos e que representará para o Brasil um grande serviço, desde que se faça reviver, como ocorre com as suas artes primitivas, suas lendas, sua música, suas dansas, o meio de defesa nacional por excelência, porque em nossa terra adquiriu verdadeiramente as características que fizeram do box a arma do inglês, da savata a arma do francês, do jiu-jitsú a arma do japonês, do jôgo do pau a arma do português. A capoeiragem foi a arma dos brasileiros, que os portugueses do século passado tanto temeram. Não devemos, sem um esforço, deixar que a capoeiragem morra completamente, pois, assim procedendo, estaremos perdendo algo de nosso, que o mundo exterior não chegou a conhecer de fato. As nossas Escolas de Educação Física, onde se ensina o box, o jiu-jitsú, a luta, a esgrima, não podem deixar de incluir a capoeiragem dentro da sua cadeira de ataque e defesa, porque isso equivaleria a deixar de tratar da história da educação física no Brasil, dentro da cadeira de história da educação física, fato êsse que até bem pouco sucedia. É verdade que faltam mestres, mas ainda existem perdidos pelo Rio, Salvador e Recife bons capoeiras, que poderiam preparar êsses mestres. Da mesma forma que o samba é a expressão da música popular brasileira, a capoeiragem exprimirá as possibilidades do nacional para enfrentar, à mão desarmada, estrangeiros que usem meios de ataque e defesa forjados de acôrdo com a sua índole, as suas possibilidades.

Esta monografia, conforme o seu título esclarece, representa tão somente uma contribuição ao estudo da capoeiragem, sem outra pretensão que a de ventilar o assunto e insistir para que o mesmo seja considerado como merece.

A matéria foi distribuída por cinco capítulos, cujos títulos bem esclarecem os objetivos de cada um:

I - Apontamentos para a história da capoeiragem no Brasil.

II - O que alguns historiadores e cronistas nos contam da capoeiragem.

III - A influência da capoeiragem na literatura nacional.

IV - A preparação do capoeira:

a) - preparação física;

b) - preparação técnica;

c) - preparação tática.

V - Contribuição para um plano de treinamento da capoeiragem.

E com isto pretendemos contribuir de algum modo para que a capoeiragem passe a merecer a consideração em que deverão ser tidos os elementos que integram o folclore nacional.

Dedicamos êste pequeno trabalho aos capoeiras do Brasil, entre os quais Agenor Sampaio (o velho Sinhôzinho) e Anibal Burlamaqui (Zuma), que tanto têm trabalhado para que a capoeiragem não desapareça.

I

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA CAPOEIRAGEM NO BRASIL

Original e 3 copias

I .

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA CAPOEIRAGEM NO BRASIL

Antes de entrarmos no assunto a que se refere o título deste capítulo, julgamos interessante dizer o que os dicionários mais conhecidos da língua portuguesa referem sobre a palavra capoeira e seus derivados.

Caldas Aulete em seu Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (1) afirma:

Capoeira - negro que vive no mato e acomete passageiros (é nome injurioso); sapanga.

Capoeira: - Ladrão que vai às capoeiras e animais domésticos; ladrão.

J. T. da Silva Bastos no Dicionário Etimológico,

(1) - Aulete, Caldas - "Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa" - Parceria Antonio Maria Pereira - Lisboa - 1881.

prosódico e Ortográfico da língua portuguesa, assim escreve(2):

Capoeira - s.f. (Bras.) Mata que se roça ou que se pode roçar;
- s.m. negro sertanejo, que assalta os viandantes; ca-
panga; (Bras.) jogo atlético dos crioulos brasilei-
ros (Corr. do tupi capuéra).

Capoeiragem - s.f. (Bras.) vida de capoeira, de desordem; malta
de capoeiras. (De capoeira).

Capoeirar - v. intr. (Bras.) levar vida de capoeira; larápio;
(Minho) o mesmo que capoeira.

Laudelino Freire, em seu Grande e Novíssimo Di-
cionário da Língua Portuguesa (3), assevera:

Capoeira - s.f. De capão + eira. Espécie de cesto feito de va-
ras e com bôca para baixo, no qual se põem capões, ga-
linhas e outras aves. / 2. Compartimento onde fica a
criação. / 3. Carruagem velha; tipóia. / 4. Fort. Es-
cavação no fundo de um poço sêco, guarnecida de um
parapeito com seteiras e de um teto de pranchões, sô-
bre que se deita uma grossa camada de terra. / 5. Es-
pécie de cesto com que os defensores de uma fortaleza
resguardam a cabeça.

Capoeirão - adj. e s.m. De capoeira. Velho e pacato, pelacidade;
mansarrião.

Capoeiro - s.m. Indivíduo que rouba aves de capoeira. / 2. Lará-
pio. / 3. Lus. O mesmo que capoeira.

(2) - Dicionário Etimológico, prosódico e ortográfico da língua
portuguesa. - Autor: J. T. da Silva Bastos - Diplomado em
letras; sócio do Instituto de Coimbra. - 2a. edição - Lis-
boa - 1928.

(3) - Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa organi-
zado por Laudelino Freire com a colaboração técnica do Pro-
fessor J. L. de Campos - A Noite S.A.-Editora - Rio de Ja-
neiro.

O "Lello Universal" (4) dá as seguintes definições:
Capoeira - Negro sertanejo, que acomete os viandantes. Capanga.
Capoeiragem - Vida de capoeira, de desordem.
Capoeirar - Ter vida de capoeira, de velhaco.
Capoeiro - Aquêlê que rouba aves de capoeira. Larápico. Proy. O mesmo que capoeira.

Antenor Nascente, no "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa" (5), atribui à palavra capoeira esta origem:
Capoeira - De capão e suf. eira; propriamente, galola para capões (A. Coelho). V. Glossário.

E da palavra capão assevera:

Capão - Do lat. cannone; esp. capón, it. cannone, fr. chanón.

O Dicionário Enciclopédico Ilustrado (6) apresenta os termos abaixo:

Capoeira - s. f. (Do tupi capuera). Bras. Mata que se roça ou destinada a roçar-se. S.M. Negro sertanejo que assalta os viandantes. Indivíduo que pratica a capoeiragem.

Capoeiragem - S.f. Bras. Luta de capoeiras, em que a cabeça e os pés têm parte preponderante. Vida de capoeira, de desordeiro.

Capoeirar - V.t. - Bras. Ter vida de capoeira, de desordeiro.

Capoeirão - S.m. e adj. Homem velho e pacato pela idade.

Capoeiro - S.m. Desusado. Aquêlê que rouba aves de capoeira, la. acepção.

(4) - Lello Universal em 4 volumes - Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro - João Grave e Coelho Netto - Livraria Lello Limitada - Pôrto.

(5) - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa por Antenor Nascentes - Rio de Janeiro - 1932.

(6) - Dicionário Enciclopédico Ilustrado - Empresa de Publicações Modernas de Moura Barreto & Cia. - Av. Henrique Valadares, 145 - Rio de Janeiro.

12

Como acabamos de verificar, existe uma discordância quanto à origem da palavra capoeira; alguns autores a consideram como corruptela de capuêra do ^{tupí,} ~~latim~~ enquanto Antenor Nascentes lhe atribui origem latina (capão, de cannon, + eira). Seria interessante que se esclarecesse o assunto.

Parece não existir nenhuma dúvida de que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos negros bantús, procedentes principalmente de Angola. Edison Carneiro, em "Religiões Negras", afirma que "o folclore regional (7) está fortemente impregnado de elementos bantús, - os cucumbís, o samba, a capoeira, o batuque, os ranchos do boi, -". (8).

Os negros bantús chegaram ao Brasil em número considerável, procedentes, em sua mór parte, de Angola, do Congo, de Benguela, de Cabinda, de Mossamedes, na África Ocidental, e de Moçambique e da Quelimânia, na Contra-Costa. Não existia um plano a seguir para a distribuição dos negros trazidos como escravos, destinados à lavoura, ao trabalho nas minas, aos encargos domésticos dos senhores brancos, e Recife, Salvador e Rio de Janeiro foram os três maiores centros de importação da mercadoria negra. Maranhão também constitui zona de destino de muitas levas de africanos, que, posteriormente, se estenderam ao Pará. São Paulo e Minas receberam o seu influxo negro por intermédio do Rio de Janeiro. Nem todos os negros destinados ao Brasil eram bantús; entre eles havia negros gêges, negros nagôs, negros haussás, que se confundiam aos bantús no porto de origem e ~~xx~~ aqui chegavam como tal. Esta a razão porque ainda encontramos até hoje, espalhados

(7) - Carneiro, E. - Religiões Negras - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. VII - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1936.

(8) - Ob. cit., pág. 87.

pelo Brasil, resquícios de religiões gêge-nagôs e malês, no caso de religiões sulafricanas em simbiose com o catolicismo e, principalmente, o espiritismo.

Foi de Angola, que se originou o capoeira. Diz Manoel Querino: "o Angola deu o tipo do capadócio engraçado, o introdutor da capoeira." (9). E mais adiante: "O Angola era em geral, pernóstico, excessivamente loquaz, de gestos amaneirados, tipo completo e acabado do capadócio e o introdutor da capoeiragem na Bahia." (10). Braz de Amaral também confirma essas palavras:

"Consideráveis porções de escravos desembarcaram nos portos do Brasil, vindos de Angola, e os elementos étnicos deste povo aí estão em múltiplos tipos de gente do nosso país.

Altos, mais delgados que os outros africanos, mais fracos fisicamente, parece dêles descenderem numerosos indivíduos aqui, na Bahia, no Rio de Janeiro e Pernambuco, onde são conhecidos com o nome de capadócios, capoeiras, etc.

Eles tinham defeitos que não são comuns aos outros africanos, mas que são muito frequentes nos nossos crioulos e mestiços.

Os Angolas eram conhecidos por loquazes, imaginosos, indolentes e insolentes, sem persistência para o trabalho, férteis em recursos e manhas, mas sem sinceridade nas coisas, muito fáceis de conduzir pelo temor dos castigos, e ainda mais pela alegria de uma festa, mas também voltando as costas ao receio, desde que êle não estava iminente, pouco cuidadosos da responsabili-

(9) - Cit. de Arthur Ramos in "As culturas negras no Novo Mundo" - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XII - Civilização Brasileira S.A. - Rio de Janeiro - 1937 - Pág. 358. (In felizmente a presença de tempo e as dificuldades surgidas para encontrar êsse trabalho de Manoel Querino, não nos permitiram a consulta do original, conforme desejávamos).

(10) - Idem idem.

dade que se lhes confiava, entusiasmando-se por qualquer assunto e fazendo chacota d'êles pouco depois, mostrando ter grande predileção pelo que é reluzente e ornamentado, como todos os povos de imaginação viva e ligeira.

Muitos usavam argola pequenina na orelha esquerda, costume ainda hoje seguido pelos mestiços que se fazem passar por valentes.

Por estas qualidades não eram bons escravos para o campo e preferiam-nos para os serviços de casa, como os romanos preferiam os escravos negros e orientais, por motivos análogos para êles, a corrupção e a sensualidade."(11).

Pelos motivos que Braz do Amaral nos expõe, pelo perfil que d'êles traça, não é de estranhar que entre os Angolas estivesse a maioria dos negros fugidos que constituíram as palmares.

Parece não existir dúvida que a capoeiragem fosse inicialmente praticada entre os Angolas, não como meio de defesa, mas como dança religiosa. Tanto isso nos parece verdade que hoje, na Bahia, conforme o testemunho de Edison Carneiro (12), a luta entre os capoeiras nas "rodas" é precedida de um verdadeiro ritual, com cânticos e música de berimbaus, chocalhos e pandeiros. No seu misticismo religioso, rezando ou esperando o santo o angola ia exacerbando os seus movimentos, sua ginga, seus saltos, seu bamboleio, até atingir a verdadeiros paroxismos. Essa prática, justamente, fazia com ^{que} nele a agilidade se desenvolvesse, atingindo às raias do incrível. (13).

(11) - *Idem, idem, pág. 354 e 355.*

(12) - V. "Negros Bantús", de Edison Carneiro - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XIV - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1937 - Págs. 149 a 151.

(13) - Sobre tais práticas religiosas vide as seguintes obras: "Religiões Negras", de Edison Carneiro - Biblioteca de Di-

25

No século XVII, quando se verificaram as invasões holandesas, aproveitando-se da confusão que se estabelecera, milhares de escravos começaram a fugir de seus senhores, agrupando-se nas faldas da serra da Barriga, no Estado de Alagoas. Em pouco tempo o número de fugitivos, em sua maior parte negros angolas, para os quais o cativoiro se mostrava mais penoso pela índole que possuíam refractária ao trabalho, atingia 20.000; constituiram então uma república conhecida pelo nome de Quilombos (14) ou Palmares (15). Zumbi, dentre todos o mais forte, valente e ágil, foi escolhido como chefe dessa república. Os negros faziam incursões às fazendas e povoados mais próximos, onde cometiam grandes depredações, vingando-se não raro das afrontas e maus tratos sofridos de seus antigos senhores. Como o perigo crescesse, o governador geral Francisco Barreto de Menezes mandou uma expedição para exterminá-los. Embora com armas primitivas, quase todas improvisadas os negros derrotaram sucessivamente vinte e quatro expedições chefiada pelos célebres Capitães do Mato (16). Em 1687, sendo governador ~~Antônio Teixeira de Menezes~~ Matias da Cunha, o sertanejo paulista Domingos Jorge Velho, mestre de campo dum regimento estacionado no sertão da Bahia, ofereceu os seus serviços ao governo para exterminar os palmares, exigindo como prêmio as terras conquistadas e os escravos que aprisionasse. Aceita a proposta pelo governo, a 3 de março de 1687, foi assinado o respectivo contrato. Domingos Jorge Velho, comandando

vulgação Científica - Vol. VII - Civilização Brasileira
S. A. - Rio de Janeiro - 1936.
"Negros Bantús", de Edison Carneiro - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XIV - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1937.
"As culturas negras no Novo Mundo", de Arthur Ramos - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XII - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1937.
"O folclore negro do Brasil", de Arthur Ramos - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. IV - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1935.

"Lestumes Africanos no Brasil", de Manuel Raimundo - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XV - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1938.

7.000 homens bem armados e equipados, dirigiu-se à serra da Barriga, onde iniciou os primeiros combates com os negros. Os soldados tinham recebido ordem de capturar os negros vivos, mas isso era quase impossível.

"O escravo se mostrava evidentemente superior na luta, pela agilidade, coragem, sangue frio e astúcia aprendidas ali afrontando os bichos, as feras mais perigosas, lutando mesmo com elas, saltando valados, trepando em árvores as mais altas e desgalhadas, para se acomodar nas suas frondes, pulando de umas às outras como macacos, onde as nuvens batiam. E tiravam partido disso, tornando-se assim extraordinariamente ágeis, e muito comumente um homem desarmava uma escolta, punha-a em desordem, fazendo-a fugir.

A causa dessa superioridade, que na luta, corpo a corpo, mostrava o refugiado na capoeira, explicavam os da escolta, que diziam saber e aplicar o foragido um jogo estranho de braços, pernas, cabeça e tronco, com tal agilidade e tanta violência, capazes de lhe dar uma superioridade estupenda.

Espalhou-se, então, a fama do "jogo do capoeira" que ficou sendo a capoeiragem." (17).

"O animismo fetichista dos negros bahianos", de Nina Rodrigues - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. II - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1935.

"O folclore mágico do nordeste", de Gonçalves Fernandes - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XVIII - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1938.

"Xangôs do Nordeste", de Gonçalves Fernandes - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XIII - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1937.

"Novos estudos afro-brasileiros", de Gilberto Freyre e outros - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. IX - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1937.

"O negro no Brasil", de vários autores - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XX - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1940.

"Costumes Africanos no Brasil", de Manoel Querino - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XV - Civilização Brasileira S. A. - Rio de Janeiro - 1938.

"O Negro Brasileiro", de Arthur Ramos - Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série V - Brasileira - Vol. 188 - Cia Editora Nacional - São Paulo - 1940 - 2ª edição.

47) - Vale a respeito transcrever o seguinte trecho da carta de Fernão de Sousa Coutinho, Governador de Pernambuco, e datada de 1º de junho de 1671:

Snoir. Há alguns anos, que dos negros de Angola fugidos ao Regor do Cativo, e fábricas dos engenhos desta Capitania se formam povoações numerosas pela terra dentro entre os Palmares e matos, cujas asperezas, e faltas de caminhos os tem mais fortificados por natureza, do que pudera ser por arte, e crescendo cada dia em numero se adiantam tanto no atrevimento, como que continuam roubos, e assaltos fazem despejar muita parte dos moradores desta Capitania mais vizinhos aos seus mocambos, cujo exemplo, e conseqüência vai convidando cada dia aos mais que fogem por si livrar do rigoroso cativo que padecem, e se verem com a liberdade lograda no festo das terras, e segurança de suas habitações podendo-se temer que com estas conveniências cresçam em poder de maneira que sendo tanto maior o numero, pretendam atrever-se a tão pouco como são os moradores desta Capitania a respeito dos seus cativos; para evitar este dano, determino passar ao Forte Calvo na entrada deste rio, lugar mais proporcionado para se fazer esta guerra e dali, com continos troços de gente que se renda uma à outra, mandar abrir caminhos para os ditos Palmares por onde possam ser investidos e anazadas as suas povoações, continuamente ali se atirem, e ficar livre esta Capitania deste dano que tanto a ameaça; e posto que não são poucas as dificuldades que para este fim se me oferecem pela aspereza das terras, falta de caminhos, e de carniagem para os mantimentos que em todo este tempo se não podem conduzir sem as costas de negros por não haver estradas para caros, nem para mais que um homem atrás de outro. Contudo espero que a boa diligência seja poderosa para vencer todos estes inconvenientes." in "As Guerras dos Palmares", de Ernesto Courtonne - Bibliotera Pedagógica Brasileira - Série V - Brasileira - Vol. 127 - São Paulo - 1938 - Págs. 94 e 25

(19) - Esta última versão parece ser a verdadeira, conforme prova o seguinte documento:

"Carta do Governador de Pernambuco Caetano de Melo e Castro dando conta de se ter conseguido a morte de Zomby a qual descreve.

Pernambuco, 14 de março de 1696.

Senhor. Dandosse comprimento ao que VMagde. tem premetido, vay na presente ocasião hum Pataxo para a Ilha da Madeira, e considerando que naquelle Porto pode estar Navio que com mayor Brevidade chegue a esa Corte me pareceo não dilatar a VMagde. a noticia de se aver conseguido a Morte do Zombi; ao qual descobrio hum Mulato ~~xxxxxxfxxxxxpunido~~ de seu mayor valimento que os Moradores do Rio de São Francisco prisionarão, e Remetendo-me topou com hua das tropas que aqueles dstrictos de diques asertou ser de Paolistas em que hia por cabo o Capitão Andre furtado de Mendonça, e temendo o dito Mulato que fosse punido por seus graves crimes, oferessem que segurandolhe a vida em meu nome se obrigava a entregar estre Treidor, aseitouçelle a ofertã e desempenhou a palavra guiando a tropa ao Mocambo do negro que tinha já lançado fora a pouca familia que o acompanhava, ficando só mente com Vinte negros, dos quais mandou catorse pa. os postos das emboscadas que esta gente uza no seu modo de guerra, e hindo com os seis que lhe restarão a se occultar no somidouro que arteficiosamente avia fabricado achou tomada a paçagem; pelejou valeroza ou desesperada mente matando x hum homem ferindo alguns e não querendo Renderce nem os companheiros, foi preciso Matallos e só a hum se apanhou vivo; enviouçeme a cabeça de zunbi que detreminey se puzese em hum pão no lugar mais publico desta Praça a satisfazer os ofendidos e justamente queixosos a âtemorizar os Negros que suprestisiozamente julgavão este immortal; pello que se entende que nesta empresa se acabou de todo com os Palmares a frota veyo a salvamento ao cabo depois de a Recolher pasou a Bahia espero volte para seguir viagem nos ultimos dias de Abril conforme o dispoem seu Regimento, estimarey que en tudo se exprimentem sesos felises para que VMagde. se satisfaca do zello com que procuro desempenhar as orbrigações de leal vasallo, Ds. G. a Real pessoa de VMagde. como todos desejamos (em junta)? Perneço. 14 Março de 696.

CAETANO DE MELLO E CASTRO."

Os negros resistiram pelo espaço de dez anos, isto é, até 1695, quando logrou Domingos Jorge Velho exterminar os Palmares. Conseguia conquistar as terras, mas aprisionou um número muito reduzido de escravos, que não compensou as grandes baixas que sofreu em suas fileiras. Muitos negros preferiram o suicídio a voltar à escravidão antiga e entre eles, segundo o historiador Fernandes Pinheiro, Zumbi, o valente chefe negro, que se despenhou do alto do rochedo. Outros historiadores classificam essa versão da morte de Zumbi de lenda, asseverando que o chefe da república dos Palmares foi atraído por um valido que o matou, cortando-lhe depois a cabeça. (19).

Com a extinção dos palmares, a capoeiragem veio das capoeiras, já agora nitidamente como recurso de ataque e defesa, para as fazendas, os povoados e as cidades. Os mais destros foram nela se exercitando, recebendo ensinamentos daqueles que a tinham visto e praticado. Santos Porto nos diz que "cria de casa não perdia ocasião de ensinar ao sinhô moço como se dava uma rasteira ou se lucia com o corno." (18).

Embora originária dos negros, a capoeiragem foi assimilada e desenvolvida, encontrando campo fértil e novas qualidades a explorar, pelos mestiços - mulatos.

-
- (14) - Denominavam-se quilembos as barracas ou antros construídos às pressas, quase sempre cobertas de palmeiras.
- (15) - Palmares eram as zonas em que as palmeiras abundavam.
- (16) - Os capitães do Mato eram homens contratados pelos senhores ou pelo governo para a captura dos negros foragidos.
- (17) - Burlamaqui, A. - "Ginástica Nacional - (Capoeiragem) - Metodizada e regrada" - Rio de Janeiro - 1928.
- (18) - "Educação Física Japonesa" - de H. Irving Hancock - Tradução do Capitão-tenente Santos Porto e do Primeiro Tenente Radler de Aquino - Rio de Janeiro - Cia. Tipográfica do Brasil - 1905 - Prefácio de Santos Porto. - Pág. VI.

E isso facilmente se explica.

"Os negros, dizem, são embrutesidos, e não o poderiam ser menos sob certo regime. Os brancos são débeis, fruto do calor e da ociosidade. Os mestiços, porém, híbridos quanto à cor, têm o espírito ativo e forte o músculo. Natureza complexa maravilhosamente dotada. Filha do trabalho, ela apresenta o germe de todas as forças; congênere superior, está aberta a todas as culturas." (19).

"A classe dos mulatos, muita acima da dos negros pelas suas possibilidades naturais, encontra, por isso mesmo, maiores oportunidades para libertar-se da escravidão; ela é que fornece com efeito a maior parte dos operários qualificados; é ela também a mais turbulenta e, por conseguinte a mais fácil de influenciar a fim de se fomentarem essas agitações populares em que um dia ela deixará de ser um simples instrumento, pois examinando-se esses mestiços no seu ~~actual~~ estado de perfeita civilização, particularmente nas principais cidades do Império, já se encontram inúmeros gozando da estima geral que conquistaram com seu êxito nas ciências e nas artes, na medicina ou na música, nas matemáticas ou na poesia, na cirurgia ou na pintura, êxitos cuja utilidade ou encanto deveriam constituir um título a mais em prêmio do esquecimento futuro dessa linha de demarcação, que o amor-próprio traçou mas que a razão deverá apagar um dia." (20).

Por todas essas qualidades, mais inteligente que o negro e mais destre que o branco, o mulato se tornaria o tipo ideal do capoeira, arrogante por excesso na sua preocupação de demonstrar que nada possuía da submissão do negro escravo.

(19) - Ribeyrolles, C. - "Brasil Pitoresco" - Livraria Martins - São Paulo - Tradução e notas de Gastão Penalva - 2º volume - Pág. 69.

(20) - Debret, J.B. - "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil" - Livraria Martins - São Paulo - Tradução e notas de Sergio Milliet - Tomo I - Págs. 108 e 109.

As quatro páginas anexas.

E nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, no Recife e no Salvador, os capoeiras e suas façanhas se tornaram notáveis. O século XIX foi assinalado o apogeu da capoeiragem no Brasil; as forças políticas muito contribuíram para a proliferação dos capoeiras e para o desvirtuamento da capoeiragem, principalmente após a proclamação da República, quando surgiram os interesses eleitorais. Ainda no tempo de colônia, a portaria de 31 de outubro de 1821, estabelecia castigos corporais e outras medidas de repressão à capoeiragem. Por ocasião da guerra do Paraguai, muitos capoeiras foram enviados para a frente de batalha e lá se fizeram heróis, portadores que eram de grande sangue-frio, audácia e coragem, tendo-se em conta que as condições de guerra de então exigiam muitos combates corpo a corpo. Proclamada a República, o decreto n. 487, de 11 de outubro de 1890, (Código Penal Brasileiro) estabelecia (21):

Capítulo XIII

Dos vadios e capoeiras

Art. 399 - Deixar de exercer profissão, officio ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicilio certo em que habite; prover a subsistência por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes.

Pena - De prisão celular por quinze a trinta dias.

§ 1º - Pela mesma sentença que condemnar o infractor como vadio ou vagabundo, será elle obrigado a assinar termo de tomar occupação dentro de quinze dias, contados do cumprimento da pena.

§ 2º - Os maiores de 14 anos serão recolhidos a estabelecimento

(21) - Código Penal Brasileiro contendo Leis, decretos, Decisões dos Tribunais, avisos do Governo, cálculo de pena, penas, figurados todos os casos, e um índice alfabético pelo Dr. Manoel Clementino de Oliveira Escorel, advogado na Capital do Estado de São Paulo - 2ª. edição - Tipografia da Cia. Industrial de São Paulo - 1893.

mentos industriais, onde poderão ser conservados até a idade de 21 anos.

Art. 400 - Se o termo for quebrado, o que importará reincidência, o infrator será recolhido, por um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Parágrafo único - Se o infrator for estrangeiro, será deportado.

Art. 401 - A pena imposta aos infratores, a que se referem os artigos precedentes ficará extinta se o condenado provar superveniente aquisição de renda bastante para a sua subsistência; e suspensão, se apresentar fiador idôneo que por êle se obrigue.

Parágrafo único - A sentença que, a requerimento do fiador, julgar quebrada a fiança, tornará efetiva a condenação suspensa por virtude dela.

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - De prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 - No caso de reincidência será aplicado ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400.

Parágrafo único - Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

21

Art. 404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranquilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

O início do século XX assinalou como que o re-
rudescimento da capoeiragem; os interesses políticos em jogo muito concorreram para que os principais capoeiras se tornassem cabos eleitorais, capangas ou secretários de grandes figurões. Nas próprias unidades militares havia interesse de seus comandantes em possuírem os melhores capoeiras. No Recife, por exemplo, o 14 era a unidade militar que reunia as preferências da população, enquanto o soldado de polícia era malquisto, como expressa esta quadra:

O 14 é prata fina
O 2ª dois de ouro;
Polícia, mata-cachorro;
Manichupa, chapeu de couro.

Os manichupas eram os soldados da guarda-civil, como nos explica Mario Sette (40).

Quando as banda militares saíam à rua, "os mole-
ques de frente de ^{música} ~~xxx~~ abriam passagem à custa de rasteiras e cabeçadas, ao mesmo tempo que defendiam os bombos das navalhas dos capoeiras de outras facções, pois um dos principais divertimentos ou maior afronta possível consistia em rasgar à navalha o bombo de uma banda de música. E, quando isto acontecia, o conflito estalava com a maior violência.

(43) - Sette, M. - "Maxambombas e Maracatús" - Editores Rodolpho & Pereira - Recife - 1938 - Pág. 142.

(44) - "Não ando mais armado, pois isto é aqui considerado de mau gosto; a pesar disso, os capoeiras, os famosos capoeiras, se vêm à leveza quando a música militar é tocada. Estes, ali, evitam a frente dos batalhões e se tornam mesmo frequentemente incômodos." - in "A capoeira do Brasil" de Luiz de Mattos.

Muitos capoeiras foram ter na Marinha, onde lhes foi permitido continuar o jogo de capoeiragem, sob forma desportiva. Alguns viajaram em suas unidades navais e se exibiram fora do país, inclusive no Japão; onde não reproduziram o notável êxito de Ciriaco por terem lutado em condições adversas.

Em 1907, aparece um opúsculo intitulado "O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira" (24), cujo autor se oculta sob as iniciais O.D.C.; segundo informações que nos foram fornecidas por Agenor Sampaio (Sinhôzinho), um dos mais valentes de seu tempo, trata-se de um oficial do Exército que julgou prudente não revelar o nome pelos preconceitos que então existiam contra a capoeiragem. O folheto está dividido em cinco partes que tratam respectivamente dos seguintes assuntos: I) - Posições; II) - Negativas; III) - Pancadas simples; IV) - Defesas relativas; V) - Pancadas avançadas. O autor dedica o seu trabalho à distinta mocidade.

Pouco depois se inicia uma fase de feroz perseguição à capoeiragem, que teve seu maior inimigo em Sampaio Ferraz. Conta-se que êle se fizera cargo de alguns bons capoeiras, com os quais realizava a prisão dos demais capoeiras usando de um esquema, que consistia, quando desconfiavam de um tipo, em fazer com que um dos camaradas fizesse na frente do parceiro visando uma figuração; se êste saltava peneirando ou caía em guarda, estava condenado. O reflexo de defesa que o capoeira tinha era tão forte que, dificilmente, o poderia dominar, principalmente se fosse tomado de surpresa. Sampaio Ferraz deportou grande número de capoeiras que existiam no Rio de Janeiro, mas, como bem diz Luiz Edmundo (24) "deportou capoeiras, mas não extinguiu a capoeira".

(24) - Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira, oferecido por O. D.C. à distinta mocidade - Livraria Nacional - Rio de Janeiro - 1907 - Biblioteca Nacional - V - 267 - 1 - 4 - N. 16.

Adverso

Muitos moços de boa família passaram a praticar a capoeiragem, vendo nela excelente exercício de destreza e magnífico recurso de defesa pessoal. Alguns mestres organizaram pequenas academias, principalmente no Rio e no Salvador, tentando metodizar a capoeiragem. Assim, em 1928, Anibal Burlamaqui publica um opúsculo, sob o título "Ginástica Nacional" (Capoeiragem) Metodizada e Regrada" (39), que pode ser considerado o melhor trabalho no gênero aparecido, superior ao surgido em 1907, de autoria de O.D.C. Demonstra Anibal Burlamaqui grande preocupação em fazer ressurgir a capoeiragem e se bate para que ela seja considerada um método nacional de ginástica; estabelece regras para o jogo desportivo da capoeiragem e apresenta, devidamente ilustrados, os principais golpes e contragolpes de que se vale essa modalidade de luta.

eiragem". Esta resistiu, fugindo para os morros, deixando as ruas da cidade, tornando-se mais civilizada. Muitos moços de boa família passaram a praticá-la, vendo nela excelente exercício de destreza e magnífico recurso de defesa pessoal. Alguns mestres organizaram pequenas academias, principalmente no Rio e no Salvador, tentando metodizar a capoeiragem. Assim, em 1928, Anibal Burlamaqui publica um opúsculo, sob o título "Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada"⁽²⁵⁾, que pode ser considerado o melhor trabalho, no gênero, aparecido, superior ao surgido em 1907, de autoria de O.D.C. Demonstra Anibal Burlamaqui grande preocupação em fazer ressurgir a capoeiragem e se bate para que ela seja considerada um método nacional de ginástica; estabelece regras para o jogo desportivo da capoeiragem e apresenta, devidamente ilustrados, os principais golpes e contra-golpes de que se vale essa modalidade de luta.

Em 1938, na Escola de Educação Física do Exército, tivemos oportunidade de lutar contra um capoeira - Veludinho - mas sentimos que nunca êle se poderia comparar aos famosos capoeiras de outros tempos; conseguimos vencê-lo por desistência após cinco minutos de combate, pois o mesmo ^{al} deixou-se agarrar. Assistimos também a algumas lutas entre capoeiras, que nos venceram da decadência em que êsse jogo se encontrava. No Recife, quando lá estivemos em fevereiro do ^{ano} ~~corrente~~ ^{passado}, colhendo informações com o historiador Mario Sette e nos centros desportivos, ouvimos falar da capoeiragem como coisa do passado. Na Bahia, sob a forma de exhibições para recreação de assistentes, continua a ser a capoeiragem praticada, dentro já de uma estiliza-

(24) - Edmundo, L. - "O Rio de Janeiro do meu tempo" - Imprensa Nacional - Rio de Janeiro - 1938 - 1ª vol. - pág. 386.

ção em que existe o cuidado de mostrar os golpes mais espetaculares, sem no entanto, atingir o parceiro, facilitando-lhe os contra-golpes ou as fintas. Aqui no Rio, Sinhôzinho mantém uma academia no Ipanema, destinada aos moços gran-finos que desejam ter algum motivo para se tornar valentes. Visitamos a academia de Sinhôzinho, de quem também fomos aluno há uns oito anos, e admiramos o seu notável esforço em não deixar a capoeiragem morrer. Das coisas mais notáveis são os aparelhos que inventa para o treinamento de seus alunos, inclusive os que dão socos e passam rasteiras.

Os poderes públicos, por intermédio do Conselho Nacional de Desportos ou da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação, bem poderiam fazer qualquer coisa que fizesse ressurgir a capoeira, compilar os seus inúmeros golpes, estudar cientificamente as suas bases e integrá-la no nosso folclore como um dos seus mais interessantes elementos.

I I

O QUE ALGUNS HISTORIADORES E CRONISTAS NOS CONTAM DA CAPOEIRAGEM

O QUE ALGUNS HISTORIADORES E CRONISTAS NOS CONTAM DA CA-
POEIRAGEM

Procuramos reunir neste capítulo o depoimento de alguns historiadores e cronistas sobre a caçoira e ^{cer-} ~~alguns~~ caçoiras, que se tornaram famosos em seu tempo. Apresentaremos o assunto, fazendo as mais precisas indicações de suas fontes, de modo a orientar os estudiosos do assunto que desejarem mais do que aquilo que aqui oferecemos. Infelizmente não conseguimos encontrar os trabalhos de Manoel Querino (1), pois para tanto não dispusemos do tempo de que necessitávamos, mas a Divisão de Educação Física poderá completar este trabalho com as indicações que lhe fazemos.

(1) - Querino, M. - Vide "Bahia de Outrora" e "A raça africana e seus costumes na Bahia" in "Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia da Bahia - 1916.

Santos Porto, no Prefácio do livro "Educação Física Japonesa" (2) dizia em 1905:

"Entre nós em tempos que já vão longe os exercícios de agilidade conhecidos por capoeiragem floresceram mesmo entre filhos das mais distintas famílias. O cria de casa não perdia ocasião de ensinar ao sinhô noco como se dava uma rasteira ou se fugia com o corpo.

Infelizmente o mau uso, que tais exercícios se fez por falta de quem utilizasse deles como excelente escola de educação física, porque é mais fácil adquirir agilidade do que força, concorreu para que degenerassem e só fossem praticados pelos profissionais da desordem, armados de facas e navalhas - uma verdadeira calamidade pública.

Hoje o capoeira profissional rareia felizmente e das maltas em que de ordinário se agrupavam, quase não há notícias. É pois excelente ocasião para vencer a relutância pelos exercícios de agilidade que não só fortalecem como proporcionam meios de defesa.

É indiscutivelmente um dos mais belos espetáculos ver um homem de compleição relativamente fraca resistir a muitos sem recorrer a nenhuma arma.

A agilidade, o golpe de vista, a força educada superam vantajosamente a falta de todas elas com exceção das de fogo que podem ser manejadas á distância.

Agredido por malfeitores a horas mortas da noite ou insultado num desses sempre lamentáveis, mas nem sempre evitáveis acidentes da vida, o homem destre nesses exercícios e conhecedor do libê-lilã pode enfrentar confiante o adversário, sem o grande risco de se tornar um assassino, embora em legítima defe-

A sua arma ôle a traz sempre consigo. Não pode es-

quecê-la em casa com a mudança do vestuário e se for um homem de bem, só fará o uso preciso, sem maiores embaraços e consequências para a sua vida." (3).

E mais adiante acrescenta:

"Porque supor que o homem destre nos exercícios de agilidade, há de fazer numa proporção maior, uma perigosa aplicação da sua destreza? Não é por certo uma razão aceitável, que se condene a aprendizagem dessa arte, pelos males possíveis, que a sua divulgação possa acarretar, porque então seria um erro cultivar a inteligência pois os homens intelectualmente fortes, quando perversos e corrompidos são uma calamidade social.

• Contra uns e contra outros é que a sociedade está armada de vários recursos, de poderosos meios de defesa, mais facilmente aplicáveis contra aquêles, do que contra os que só fazem da inteligência um uso mau.

E se em tempos idos os exercícios degeneravam constituindo uma verdadeira ameaça á tranquillidade geral, foi só e só porque os poderes públicos, com uma indiferença ou uma incompreensível parcialidade não quiseram agir sobre os que tais crimes cometiam, em geral patrocinados por influências políticas que os tinham xxz ao seu macabro serviço.

Demais divulgar tais exercícios pelos membros mais cultos da sociedade é collocá-los individualmente em condições de poderem enfrentar os elementos baixos e maus que tôdas as sociedades pensam e que de tôdas as armas se servem.

• Ser ágil, ser forte, ter a consciência do próprio va-

(3) - "Educação Física Japonesa" - O sistema de exercícios, alimentação e modo geral de vida, que fez do povo do Mikado os mais valiosos, os mais fortes e mais felizes homens e mulheres do mundo - por H. Irving Hancock e traduzido pelo capitão-tenente Santos Porto e 1.º tenente Radler de Aquino - Rio de Janeiro - Cia. Tipográfica do Brasil - Rua dos Inválidos, 73 - 1905.

lor, constitui um merecimento real. Usar contra os outros dessa força e dessa agilidade, sem ser em legítima defesa, constitui um crime capitulado no Código."(4).

Mario Santos, em dezembro de 1927, prefaciando o opúsculo "Ginástica Nacional" (5), de Anibal Burlamaqui, escreve:

"Adotemos a capoeiragem, ela superior ao box, que participa dos braços; ela é superior á luta romana, que se baseia na força; é superior á luta japonesa, pois que reúne os requisitos de tôdas essas lutas, mais a inteligência e a vivacidade peculiares ao tropicalissimo dos nossos sentimentos, pondo em ação braços, pernas, cabeça e corpo!"(6).

Luiz Edmundo em "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis"(7), no capítulo "Aspectos da cidade e das ruas" nos descreve o capoeira nos seguintes termos:

"À porta do estanco de tabaco está um homem diante de um frade nédio e rubicundo. Mostra um capote vasto de mil dobras, onde a sua figura escanifrada mergulha e desaparece, deixando ver apenas, de fora, além de dois canylos finos de ave pernalta uma vasta, uma hirsuta cabeleira onde naufraga em ondas tumultuosas alto feltro espanhol.

Fala forte. Gargalha. Cheira a ngam aguardente e discute. É o capoeira.

(3) - Ob. Cit. págs. VI, VII e VIII.

(4) - Idem, págs. VIII, IX e X.

(5) - Burlamaqui, A. - Ginástica Nacional (Capoeiragem) - Metodizada e Regrada - Rio de Janeiro - 1928 - 1a. edição.

(6) - Ob. cit. pág. 5.

(7) - Edmundo, L. - "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis" - Imprensa Nacional - Rio de Janeiro - 1932.

Sem ter do negro a compleição atlética ou sequer o ar riço e sadio do reinol, é, no entanto, um ser que toda gente teme e o próprio quadrilheiro da justiça, por cautela respeita.

Embarna o espirito da aventura, da malandragem e da fraude; é sereno e arrojado, e na hora da réelega ou da contenda, antes de pensar na choupa ou na navalha sempre ao manço coadida, vale-se de sua esplândida destreza, com ela confundindo e vencendo os mais armados e fortes contendores.

Nessa hora o homem frankino e leve transfigura-se. Atira longe o seu feltro chamorro, seu manto de saragoça e aos saltos, como um sínio, como um gato, corre, recua, avança e roda pda, ágil, astuto, cauto e decidido. Nesse manejo inopinado e célere, a criatura é um sêr que não se toca ou não se pega, um fluído, o imponderável. Pensamento. Relâmpago. Surge e desaparece. Mostra-se de novo e logo se tresmalha. Toda a sua fôrça reside nessa destreza elástica que assombra, e diante da qual o tarde ~~européu~~ europeu vacila e, atônito, o africano se trastoca.

Embora na hora da luta traga ôle entre a dentuça pôdre o ferro da hora extrema, é da cabeça, braço, mão, perna ou pé que se vale para abater o êmulo minaz.

Com a cabeça em meio aos punhos em que anda, atira cabeçada sôbre o ventre daquêle com quem luta e o derruba. Com a perna lança a trave, o calço. A mão joga taponna, e com o pé a rra teira, o pião e ainda o rabo de arraia.

Tudo isso numa coreografia de gestos que confundem. Luta com dois, com três, e, até com quatro ou cinco. E os vence a todos. Quando os quadrilheiros chegam com as suas lanças e os seus gritos de justiça, sôbre o campo da luta nem traço mais se vê do capoeira feroz que se fez nuvem, fumaça, e desapareceu.

Na hora da paz ama a música, a doçura sensual do brejeiro lundú, dança fofa, a chocáina, e o sarambeque pelos lugares onde haja vinho, jôgo, fumo e mulatas. Frequenta o pátio das tabernas, os antros da maruja para os lados do Arsenal. Usa e abusa da moral da ralé, moral oblíqua, reclamando pelourinho, degrêdo, e, às vezes, fôrca.

Tem sempre por amigo do peito um falsário, por companheiro de enxerga um matador profissional e por comparsa na hora da taberna um ladrão. No fundo, êle é mau porque vive onde há o comércio do vício e do crime. Socialmente, é um cisto, como poderia ser uma flor. Não lhe faltam, ao par dos instintos maus, gestos amáveis e enternecedores. É cavalheiresco par com as mulheres. Defende os fracos. Tem alma de D. Quixote. E com muita religião. Muitíssima. Pode faltar-lhe ao sair de casa o aço vingador, a ferramenta de matar, até a própria coragem, mas não se esquece do escapulário sôbre o peito e traz na boca sempre, o nome de Maria ou de Jesus. Por vezes, quando a sombra da madrugada ainda é um grande capucho sôbre a cidade, está êle de joelhos compassivo e piedoso, batendo no peito, beijando humildemente o chão, em prece, diante de um nicho iluminado, numa esquina qualquer. Está rezando pela alma do que sumiu do mundo, do que matou.

É de crer, como sentimento, o capoeira é, realmente um tipo encantador."(8).

Edison Carneiro, em seu livro "Negros Bantús" (9) dedica um capítulo inteiro à capoeiragem, apresentando-a num dos seus mais pitorescos aspectos. "Capoeira de Angola" é o kime títu

(8) - Edmundo, L. - Ob. cit. págs. 49 a 52.

(9) - Carneiro, E. - "Negros Bantús" - Biblioteca de Divulgação Científica - Vol. XIV - Civilização Brasileira S.A.-Editora - Rio de Janeiro - 1937.

lo do capítulo em aprêço, cujo teor, inclusive as chamadas, é o seguinte:

"Divertimento velho no Brasil, a capoeira. Tão velho, suponho, quanto o tráfico de negros bantús...

Nos fins do século XVIII, no Rio de Janeiro, vamos encontrar o capoeira, um tipo que, "sem mex ter do negro a compleição atlética ou sequer o ar rijo e sadio do reinol, é, no entanto, um sêr que tôda gente teme e o próprio quadrilheiro da justiça, por cautela, respeita"(I). As aventuras dos capoeiras eram de tal jeito que o govêrno, pela portaria de 31 de outubro de 1821, estabeleceu castigos corporais e outras medidas de repressão à capoeiragem(II). Na Bahia, sabemos, com certeza, que a capoeira existe pelo menos desde o século XIX, quase sempre ligada à vida do Angola. Manuel Querino (III) diz que, na Bahia, o capoeirista se distinguia dos demais negros por trazer uma "argolinha de ouro na orelha, como insígnia de fôrça e valentia, e o nunca esquecido chapéu à banda". O teatro das lutas era quase sempre o bairro da Sé, principalmente o Terreiro, e os dias preferidos para o brinquedo o domingo de Ramos e o sábado d'Aleluia, isto é, durante a quaresma. Aqui também os capoeiras, inquietavam o govêrno da Província, que, ao vir a guerra com o Paraguai, mandou para a frente de batalha vários dêles, possivelmente a maioria, alguns dos quais lá se distinguiram como heróis.

Acabavam-se os capoeiras, não a capoeira.

XXXXX - XXXXX

(I) - Luis Edmundo, "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis", pág. 38.

(II) - Manoel Querino, "A Bahia de Outrora", pág. 67.

(III) - Manoel Querino, Ob. cit. págs. 61 a 67.

Os capoeiristas da Bahia denominam a sua luta de variação. E, tal como ela se realiza nas festas populares da cidade, a capoeira não passa disso. Os negros se divertem, fingindo lutar, embora cantem:

No jôgo da capoeira
Quem não joga mais apanha!((IV).

Há várias espécies de capoeira: - a) de angola; b) de angolinha (variação da primeira); c) São Bento Grande; d) São Bento Pequeno; e) Jôgo de dentro; f) Jôgo de fora; g) Santa Maria; h) Conceição da Praia; i) Assalva (salva, saudação) Senhor do Bonfim. Tôdas estas espécies se distinguem por variações sutis, às vezes pela maneira de tocar o berimbau, coisa que só mesmo os capoeiristas decifram.

A capoeira de Angola me parece a mais pura das formas de capoeira, podendo servir de paradigma à análise.

Formada a "roda", com orquestra de berimbaus, chocailhos e pandeiros (o berimbau é absolutamente imprescindível), os lutadores entram na arena e vão se agachar defronte da orquestra. Desde êsse momento, não podem falar. Ficam aí, agachados, enquanto os cantadores vão cantando:

Tava no pé da Cruz
Fazendo a minh'oração,
Quando chega Catarino,
Feito a pintura do oão.
Ê é Aroandê!
Iáíá, vamos embora,
Iáíá, pelo mar afora!
Ê faça de ponta,
Iáíá, é de furá.
Iáíá, joga p'ra cá,
Iáíá, joga p'ra lá.
Ê é viva meu mestre,

iáíá, que me ensinou,
 iôíô, a malandragem,
 iáíá, a capoeiragem!
 Iáíá, vorta do mundo,
 iôíô, que o mundo dá!

Só depois destes versos a luta começa. Pois capoeiristas chamam a isso preceito, mas o povo diz que os lutadores estão kekunda rezando ou esperando o santo. O que incorpora à luta mais um elemento fetichista.

A luta é uma demonstração da prodigiosa agilidade do angola, que executa os movimentos corporais mais difíceis sem nem um esforço, sorrindo. E a luta solicita todo o corpo.

As mãos quase nunca trabalham no ataque, a não ser no golpe de pescoço e no dedo nos olhos, sem contar os vários balões, em que as mãos sustentam o corpo do adversário para jogá-lo por cima da cabeça para trás. As pernas, ao contrário, desempenham importantíssimo papel, são mesmo imprescindíveis ao desenvolvimento da kekunda luta. Assim, na rasteira e no rabo d'arrainha, bastante conhecidos no Brasil, na bananeira, na meia lua, na lampura, na chana de pé e na perigosíssima chibata armada. Ou tres golpes, como a cabelada e o gú (salto mortal) exigem toda a atenção do lutador, tanto no ataque quanto na defesa. Nem todos os golpes, entretanto, são lícitos. Se a luta não é à vera, quando todos os truques valem, - os golpes nos rins, no coração, na base do estômago, no pé do ouvido, nos escroto, assim como o dedo nos olhos, o tranco de pescoço, a chibata, a bananeira, o rabo d'arrainha rápido, a meia lua rápida, a cabelada rápida, e o balão por cima do corpo são condenados. E a marcação dos pontos,

(IV) - Cf. com o seguinte pregão:
 Olh o jogo da caipital
 quem mais joga menos tira!
 bastante conhecido no Estado da Bahia.

quando interessa, é feita por meio de verdadeiros sinais cabalísticos, espécie de hieroglifos, cada sinal representando determinado golpe, de valor convencionado de antemão.

XXXXXXXXXX - XXXXXXXX

Os pontos preferidos pelos capoeiristas, na Bahia, para a vadiação, estão limitados pelos bairros proletários da Cidade. No dia do Ano Bom, na Boa Viagem, na Segunda Feira do Bonfim, na Ribeira, durante o Carnaval, no Terreiro, e durante as festas de Santa Bárbara, no ~~Marxist~~ Mercado do mesmo nome, na Baixa dos Sapateiros, e da Senhora da Conceição da Praia, nas imediações do Mercado Modelo, - "as rodas" de capoeira são infalíveis. Ainda os solicitam de diversos pontos da Cidade, Massaranduba, Alto das Pombas, Cidade de Palha, Retiro, Comeia, Largo do Peró, Canto do Meio, Engenho Velho, Pituba, Amaralina, Quintas da Barra, Rio de São Pedro, Cabeceiras da Ponte, Rio Vermelho, Capelinha de São Caetano, Brotas, etc. Fora de portas ainda os capoeiristas recebem convites para vadiar em Peri-peri, Candeias, Mar Grande, etc.

XXXXXXXXXXXX - XXXXXXXXXXXX

Os cânticos da capoeira, transcritos por Manoel Querino (V), têm como refrão a palavra Aloanguê, provavelmente deturpação de Loanda, capital de Angola (VI). Desde geroto, conheço os seguintes cânticos, ouvidos em "rodas" de capoeira, na Conceição da Praia:

(V) - Manoel Querino, op. cit. págs. 64 a 65.

(VI) - Há outras formas - Aloanda, Aroanda, Aroandê... etc. O q dessas palavras é mudo.

1) Zum-zum-zum,

Capoeira mata um!

2) Menin'pequeno é dengoso!

Joga de dentro p'ra fora!

Joga de dentro p'ra dentro!

3) No tempo qu'eu tinha meu dinheiro,

camarada me chamava parente;

quando meu dinheiro se acabou,

camara me chamou valente.

4) Tiririca é faca de cortá.

Prepar' a barriga p'ra apanhá!

5) Camarada, bota sentido!

Capoeira vai te batê...

Separados assim dos demais, êstes cântigos nada di-

gem.

Mais instrutivos, sem dúvida, são os novos que aqui vão, recolhidos pôr mim:

1) É aquindervêis!

É Aroandê!

Que vai fazê?

com capoeira?

Ele é mandingueiro

e sabe jogá...

Vêm-se aqui, de cambulhada, expressões tipicamente portuguesas (aqui ~~com~~ d'El-Rei!) e termos africanos (Aroandê, vocabulário de Luanda) ou de origem africana (mandingueiro, derivado dos negros mandôs ou mandingas).

2) Dona Maria, como vai você?

Vim de má para te vê.

Você como passou?

Sabe-se que dona Maria significa, nos candomblés afro-bantús da Bahia, a mãe-d'água, a Iemanjá do culto gêge-nagô. Há somente uma complicação. O capoeirista vem do mar para vê-la...
Porque?

Aliás, outro cântico retifica este último:

3) Como vem do má,
dona Margarida?

Parece-me que esta Margarida seja a mesma dona Maria, que precisou mudar de nome para dar no verso.

4) Ô goma de gomá!
O goma de gomô!
O galo cantô,
Oô côcôrcô...

5) Desidério de Saúpe,
- ô cabra p'ra amarrá! -
quand' dá um nó escond' a ponta,
não há quem possa desatá!

6) Óie que a cobra lhe morde,
- Sinho São Bento!
Óie a cobra danada,
- Sinhô São Bento!
Óie o bote da cobra,
- Sinhô São Bento!
Óie o laço da cobra,
- Sinhô São Bento!

7) Cobra mordeu São Bento,
- Caetano!

Este último cântico já é deturpação de um cântico para o Santo-da-Cobra dos candomblés de caboclo.

Veja-se agora tôda uma ghula, interessantíssima sob todos os aspectos:

Cai, cai, Catarina,

32

Sarta de má, vem vê Dalina.

Quem te ensinou essa mandinga?

- Foi o nego de sinhá.

O nego custou dinheiro,
dinheiro custou ganhá.

Cai, cai, Catarina.

sarta de má, vem vê Dalina.

Amanhã é dia santo,

Dia do Corpo de Deus.

Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.

Cai, cai, Catarina

sarta de má, vem vê Dalina.

Minino, quem foi teu mestre,

quem te ensinou a jogá?

- Sou discip^o o que aprendô.

Meu mestre foi Mangangá.

Na"roda" que êle esteve,

outro mestre lá não há.

Cai, cai, Catarina

sarta de má, vem vê Dalina.

Temos a notar, nestes cânticos, - a) a presença de animais como a cobra, o galo, etc. (totemismo); b) o sincretismo religioso, o Corpo de Deus, mais Dono Maria e o Senhor São Bento; c) personagens evemerizados, ou caminhando para isso, como Antônio Pequeno, Pedro Porreta, Desidério de Saúpe e Mangangá (VIII) (VII); d) reminiscências da escravidão ("o nego de sinhá"... star

etc.).

Nem sempre, porém, os cânticos são originais, mas o cantador aproveita quadras populares para intercalar na cantoria:

- 1) Vamos no mangue,
Lá tem carangueijo.
Vamos na gana,
Lá tem percevejo...
- 2) Quem quisé psixe gelado,
Vá na praia da Preguiça.
o 19 tá acabando,
co' os sordado da Políça.
- 3) Amanhã é dia santo,
Vou-m' embora p'ro sertão.
Candieiro de dois bico
não lumsia dois salão.

O 19 de uma destas quadras é o décimo nono Batalhão de Caçadores, tropa do Exército aquartelada na Bahia.

Muito interessante é o estrambote posto numa destas quadras exatamente na que fala do Corpo de Deus:

As palavras n' era tanta,
o rojão de São Mateus!

Aqui, rojão equivale a regime, costume, maneira de São Mateus.

(VII) - Mangangá era o nome de guerra do conhecidíssimo capoeirista Besouro, de Santo Amaro, herói legendário de inúmeras façanhas contra a polícia. - O termo, segundo Jaime de Seguíer, é brasileiro e, substantivo, significa um "gênero de insetos dípteros, cuja mordedura produz calafrios e febre"; enquanto que, adjetivo, vale como "enorme, muito grande". Tão grande quanto a fama de Besouro...

A Bahia e o Brasil têm o seu lugar nesses cânti-
gos:

É rua de Baixo!

É Morro de São Paulo!

É Rio de Janeiro!

assim como a água potável:

É água de bebê, camarada!

E ainda, para os incautos como para os gabolas,
esta observação, que nada desmente (VIII):

Brincá com capoeira?

Ele é bicho farsa...

O canto, vale a verdade, é monótono, cada verso
repetido, pelo câro, senão totalmente, ao menos de meio para o
fim. E às vezes a onomatopeia - ha-ha-ha-hai, lê-lê, lai-lai, -
entrando. O capoeirista, porém, pouco está ligando p'ra monoto-
nia do canto:

Ora, pode vadiá!

Vadiar! Ele não quer mais do que isso. O resto
não interessa...

XXXXXXXX - XXXXXXXX

Há alguns anos já que jôgo da capoeira tem começa-
do a interessar as classes médias da população da Bahia (IX).

(VIII) - Manoel Querino, op. cit., pág. 61, escreve: "Capoeira e-
ra um indivíduo desconfiado e sempre prevenido. Andando
nos passeios, ao aproximar-se de uma esquina tomava ime-
diatamente a direção do meio da rua; em viagem, se uma
pessoa fazia o gesto de cortejar a alguma, o capoeira,
de súbito, saltava longe, com a intenção de desviar uma
agressão embora imaginária."

41

O capoeirista Biaba abriu mesmo ^{uma} escola de capoeira. Este negro, de rara agilidade, me afirmou que a sua capoeira já não é mais a de Angola, mas um prolongamento dela, já que ele se aproveita de vários golpes de outras lutas, desde a luta romana até o box e o jiu-jitsu. Tanto que Bamba apelida de luta regional bahiana a sua capoeira especial.

O maior capoeirista da Bahia afirmam-me os negros ser Samuel "Querido de Deus", um pescador de notável ligeireza de corpo. Muito falados são os capoeiristas Maré (estivador), Sirí do Mangue, de Santo Amaro, e um tal Ozéas, que abriu uma escola de capoeira no Rio.

Mesmo assim, o processo de decomposição da capoeira está se acelerando...

XXXXXXXXXX - XXXXXXXXX

Apesar de tudo, - apesar da maior aclimação do negro ao meio social do Brasil, apesar da reação policial, apesar do adiantado processo de decomposição e de simbiose da capoeira em face de outras formas de luta, - a capoeira, e em especial a capoeira de Angola, revela uma enorme vitalidade. O progresso dar-lhe-á porém, mais cedo ou mais tarde, o tiro de misericórdia. E a capoeira, junto aos demais elementos do folclore negro, recuará para os pequenos lugarejos do litoral..."(10).

(IX) - Ultimamente no recinto do Parque Odeon, no Largo da Sé, alguns capoeiristas da Bahia têm medido forças, alcançando enorme sucesso de bilheteria.

(10) - Carneiro, E. - Ob. cit. págs. 147 a 160.

Mario Sette em "Maxambombas e Maracatús" (11) dedica uma de suas crônicas, sob o título "Os Brabos", à capoeiragem. Diz êle:

"Foram muito do Recife de ontem.

Se-lo-ão ainda do de hoje, mas sem o realce e a importância, ~~quixá quixá quixá~~ quixá o prestígio, de dantes.

Uma classe. E respeitada, garantida, difícil de acabar, mercê dos préstimos que possuía maximé no capítulo da política.

Os chefões da ~~época~~ época os amparavam. Eram os "capangas". Quem não se lembra aura de fama dos capangas?

Apontavam-se o do Dr. Fulano, o do Coronel Beltrano, o do Major Sicrano. Bolir com um dêles seria catucar com os esteios do mundo velho. Viria tudo abaixo. Uma fachada serrateira num virar de beco, era o menos que acontecia.

De começo foram os capoeiras, modalidade mais ágil e pública de valente. A capoeiragem, no Recife, como no antigo Rio, criou tais raízes que se julgava um herói sobrenatural quem tivesse forças de acabar com ela. Que nada! Saisse uma música na praça ou uma parada ou uma festa e lá estariam infalíveis os capoeiras à frente, gingando, piruteando, manobrando cacetes e exibindo na valhas. Faziam passos complicados, dirigiam pilhérias, soltavam assovios agudíssimos, iam de provocação em provocação até que o rôle explodia correndo sangue muito e ficando defuntos na rua.

Havia entre êles partidos. Os mais famosos foram o "quatro" e o "Espanha". E as bandas musicais, por sua vez, por suas dobrados das predileções de uma e de outra facção desordeira. O dobrado "Banha Sheirosa" era um dêsses. Tocá-lo constituía

Já uma ameaça à ordem pública.

Partiam gritos sediciosos:

- Viva o Quarto!

- Fora o Espanha!

E os versos desafiadores:

Viva o Quarto

Fora o Espanha.

Cabeça seca

É que apanha...

Ou então:

Não venha

Chapéu de lenha!

Partiu

caiu

morreu

fedeu.

O barulho tomava proporções terríveis. As facas riscavam os ares e mergulhavam em barrigas. Os porretes faziam desenhos nos ares e colidiam com os quengos dos adversários. Casas fechando-se, gente correndo, meninos chorando, feridos agonizando.

Espectáculo de quase todos os dias. Não havia governador nem comandante das armas que desse fim àquilo. Mesmo porque se havia alguma providência enérgica a respeito, uma carga de cavalaria ou um cerco de tropas de linha, se alguns dos "colegues de frente de música" iam parar no xelindró, logo aparecia uma força superior que os punha de novo na rua e à frente da primeira banda que fosse tocar na Penha ou no Prado.

Bessa força era a política.

44

Os capoeiras, em regra, pertenciam a êsse ou aquê-
le figurão dos tempos. Nos dias de eleição retribuiam com servi-
ços valiosos a proteção e impunidade.

Desaparecidos os capoeiras, ficaram os "brabos".

Menos evidente, porém, perigosos. E protegidos.

Não faziam mais proezas na frente do Quatorze ou da polícia, mas
não dispensavam atividades noutros setores. Havia brabos de várias
categorias. Uns da alta roda, outros de esferas inferiores. Cava-
vam a vida em ser brabos. Obtinham favores, empregos, regalias,
desde a entrada gratuita no pastoril até os beijos das meretri-
zes...

Os de classe superior trajavam bem, andavam de car-
ro, usavam brilhantes. Quase não diferiam do resto dos viventes
no aspecto externo. Apenas, assim como que uma cara fechada, um
passo duro, uma bengala grossa. Os de plano baixo eram típicos:
- chapéu de "apara facade", calças bombachas, paletó curto, sa-
apatos brancos, andar balanceado e o clássico porrete na mão.

Nas festas - de- igreja, nos bumba-meu-boi, nas dan-
ças modestas, surdiam manhosos, penetrantes, geitosos, para de-
pois de umas bicadas esquentadoras se irem tornando agressivos,
provocadores, sarcásticos, bulhentos. Procuravam sempre um pre-
texto para o "bababi". Uma frase irônica para uma moça: "Está de
bico torcido? Quem boliu com seu cachorrinho, hein?". Ou uma ou-
tra desafiadora: "Êta baêta! Quem não pode não se metá!". Se ha-
via um resmungo, uma réplica, um muchocho, o brabo inquiria já em
posição de romper hostilidades:

- Isso é comigo, seu safado?

Sendo frouxo o interpelado, calava-se e ou o tem-
po melhorava ou êle recebia o pago da covardia numa tapona. Se

mole não era o "banzé" estava feito. Debandada, gritos, ohoros, ataques, gemidos, pauladas, apitos, tiros... Essa cena nos pastores já se tornara banal.

Em regra a polícia intervinha com tacto. Porque temesse as rasteiras dos valentes e porque goubesse do prestígio que desfrutavam.

Ora o prestígio do dinheiro e da posição quando o brabo era um "moço branco"; ora o prestígio da polícia quando o desordeiro servia de guarda-costas de "seu" coronel do Zumbi, da Torre ou do Ambolê.

Quando muito os soldados apareciam fora de tempo. Os brabos já se tinham ido lampeiros de seu. E nesse caso quem apanhava de reflex ou ia preso pelos cós das calças eram os inocentes, as vítimas. E o sub-delegado, todo empáfia, toda autoridade, julgava-se o cavaleiro do dever.

No campo da desordem ficavam as cadeiras partidas, a louça quebrada, as barraquinhas em frangalhos, o café derramado, os bolos pelo chão...

No outro dia, se o brabo fôra de primeira classe, o sai pagava os maus feitos mesmo os de ordem moral quando a luta venalava com um rapto de pastora ainda donzela.

Houve tipos célebres na brabeza do Recife de ontem. Nascimento Grande e João Sabetudo tiveram fama. Seus nomes constituíam terror. Se apareciam num sítio logo muita gente se retirava prudentemente, preferindo perder a festa a ir parar no cemitério ou, de menos, dar umas carreiras sem vontade.

Geralmente os brabos viviam "azeitando" as mulheres mulheres-damas. Cada uma delas, tinha o seu "axeiteiro" que se chamava também "chereta". Gozavam de favores sem dispêndio de dinheiro. Quase sempre tinham direito às noites, pouco se lhes im-

42

portando o que se passasse nas alcovas durante os dias. Ou melhor, às vezes se importavam bastante porque partilhassem das vantagens, prejudicando as raparigas no seu triste e impudico ganho. Esses eram os de caráter mais baixo.

Outros, ao contrário, metiam-se a ciumentos e perturbavam a vida das infelizes mulheres. Rondavam o "brejo" com atitudes ofensivas e as raparigas, medrosas ou apaixonadas se curvavam aos caprichos, aos maus tratos, às exigências dos amantes que nem de comer lhes davam. Muitas delas provaram-lhe o aço das facas ou a dureza dos castões.

Essa queda dos brabos pelas meretrizes parecia contagiosa doença. Nos mões e nos mirins. As farras, as bebedeiras, rematavam habitualmente nos prostíbulos da rua do Imperador, do Rosário, das Trincheiras, do Pátio, do Canaço, ocasionando cenas cruéis, deploráveis, vergenhosas que a crônica do Recife policial de ontem registou.

E assim viviam os brabos até que perdiam a força dos superões num encontro com outros mais brabos que os inutilizavam numa cama de hospital ~~taxuana~~ Pedro II ou numa cova do cemitério de Santo Anão."(12).

Luiz Edmundo em "O Rio de Janeiro de meu tempo"(13), no capítulo VI, nos conta as peripécias de "Camisa Preta", notável sapoeira de seu tempo:

"Quando a noite vai alta e os bicos dos lampeões de gas, saltos d'áles nascendo da parede, piscam ao vento sutil que vem da barra, pelas esquinas dessas alfurjas ensombradas desli-

(12) - Netto, M. - OB. cit., 97 a 102.

(13) - Edmundo, L. - "O Rio de Janeiro de meu tempo" v Imprensa Nacional - Rio de Janeiro - 1938.

47

sam vultos enlaçados. São remadores do Arsenal de Marinha, par-davassos hercúleos de tórax pujantes, as cabeleiras em samambá-
as fugindo aos honés de pano mole, postos à pachola; são mara-
fonas de galhos de alecrim espetados atrás da orelha, tirando
de bocas sórdidas, escuras e desdentadas, charutos mata-rato,
soltando baforadas absurdas, cuspinhando grosso e desmanchando-
se em estrífulas e espetaculosas gargalhadas.

Veze, quando tudo parece repousar, o trânsito como
que suspenso, as lanternas das hospedarias de última ordem lançan-
do sôbre as pedras das calçadas em tons mortiços, laivos averme-
lhados, um grito - Aii! e, um - Pega! E logo vezes que se erguem
agitadas: -Matou! Matou! Matou! Apitos.

As janelas abrem-se fragorosamente para se apinharem
de curiosos, as portas escancararam-se cuspinho para a rua homens
em roupa de dormir, afobados, cheios de ânsia por ver e cheirar
o acontecimento rumoroso. Os mezanhas, de apito na boca, vêm dos
laços da Praça Quinze, do Arsenal ou da Praia de Santa Luzia,
acorrando de espadas desembainhadas.

No ângulo da rua escusa, há uma mancha parda de vo-
vilão reunido e o eco de mil vezes que se chocam.

A notícia do acontecimento não custa muito a se pro-
pagar!

-Mais uma do "Camisa Preta"! Passou a navalha na bar-
bida de Joca Barulho e "abriu o arco". Lá está o pobre de borso,
na calçada do Beco da Música..." (14).

No capítulo XII do mesmo livro, Luiz Edmundo des-
creve mais um personagem: Manduca da Fraia. Eis o que escreve a
sua respeito:

(14) - Edmundo, L. - Ob. cit., vol. I, págs. 203 e 205.

"Chegô às sete da manhã no cortiço, Manduca da Praia, vindo da "teorga", para dormir. Ronca até muito depois do meio dia. Como, veste-se e vai embora. Quando êle parte, maneiroso e gentil, cantarolando, alegre, o "pinho" entre os dedos, saudando os conhecidos do cortiço - É tarde!... muito orgulhoso das suas calças brancas, da sua bipartida gaforinha, há um movimento de admiração que o envolve e o acaricia. Cabam-lhe a voz, o violão, o bom corte do terno feito na Tascuna de Prata à rua da Saúde... - Que elegância! diz-se.

Na verdade, só o prestígio daquelas botinas bruni-
das e fulgurantes como dois sols...

Por vezes, dando-se à importância, para conversando no pátio da estalagem, ora com um, ora com outro. ~~Kakax~~ Fala em gíria carioca num estilo vivaz, cheio sempre de imagens imprevis-
tas!

-Saia eu, este de tatinha, do chatô para ir ao chô-
no da Madruca, no Arrião, quando risca na minha frente um cujo
cuja sarará e que eu me recordei de haver estragado num dia de
fiata no arraial da Penha por motivo de Emelinda que então ve-
ria amigo. O cabra vinha zarro para tirar sua desforra e fazer
uma deferença. Não dei tempo ao bruto de comparecer com os arra-
mentos. Saudi longe e o pinho e, sem tomar aragem, dancei de ve-
lho a fui, loro, caseando o quengo na caixa do catarro de brato,
que êle teve que sair barra a fora, vestido de fato inteiro, in-
do esquadar os ossos na limpeza da calçada. Viron cobra, e o crea-
am para mim, de novo. Fiz uma figuração. Mergulhei. Foi quando
lho senti, nos dedos, o brilho de sardinha. Ele que queria era me
arrá! Magali barriga. Cosei-me achando loco a ferramenta, levan-
tei o rabo de corte e pus-me de guarda à espera do avanço... Veio
de maneira. Zarembel, calcei o biebo. Não caiu. Aí, sem abusar a-

de ferro, mandei-lhe um baiano, só de lambuja, na altura da bomba do respiro. Pois não é que quise matei o home? Caiu de berço. E quando eu lhe perguntei: - Então? Seu Jacózes, você esconfiou? Masalheu de caramujo e sortou a cusparada. Olvidei a ofensa e disse para ele: - Não dou em home deitado. Se você não aguenta o tranco diga, que eu vou me embora. Quando de novo. Vi sangue. Vôtaí é É quando pega de aluntá gente. É uns geitos de "não pode". Depois meganha. Fui saindo de barriga, e, quando o grilo estrilou, abri o arco e caí no mundo. Na minha saia hora vou longe, que eu sou do novo da lira e tenho o corno fechado.

Manduca é o tipo perfeito e acabado do capadócio de alcouce, rufião seresteiro, com nome, fama e glória nos conflitos da zona do feneço, entre fuzileiros navais e guardas da polícia. Sampaio Ferraz adeportou capoeiras, mas não extinguiu a capoeiragem. Em 1901, no Largo do Moura, como em certos capinsais de Catumbí, do Rio Comprido e São Cristóvão, o esporte condenado ainda se pratica e floresce. Os seresteiros que frequentam os lupanares de São Jorge, Regente e Múncio, ali dão rendez-vous, aprendendo, em cursos ao ar livre, a maneira de aplicar um bom "rabo de arráia", passar uma "rasteira", uma "trave" ou outras figuras clássicas do jogo de agilidade nacional. Sempre a silêncio desse esporte, deu aos homens, valor dobrado. Por isso vive Manduca abusando do jogo e criando casos com a Polícia. Felizmente a política salva-o."(15).

E com o depoimentos desses cronistas e historiadores apresentamos a capoeiragem como existiu nos seus três maiores centros do Brasil: Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Maria Betta, Edison Carneiro e Luiz Edmundo nã nos dão bem uma idéia do que foi a capoeiragem em tempos passados no Brasil e

(15) - Edmundo, L. - Ob. cit., vol. I, págs. 385 a 387.

5

de perigo que ela chegou a constituir, justamente por ter sido utilizada por elementos desclassificados.

Como jogo desportivo, dentro das regras que a enquadrem como tal, a capoeiragem será uma excelente forma de actividade física, que muito contribuirá para o desenvolvimento de um perfeito equilíbrio neuro-muscular e de várias qualidades de ordem psíquica.

I I I

A INFLUÊNCIA DA CAPOEIRAGEM NA LITERATURA NACIONAL

A INFLUÊNCIA DA CAPOEIRAGEM NA LITERATURA NACIONAL

Manoel Antônio de Almeida, nascido em 1832, talvez tenha sido o primeiro romancista que incluiu em uma de suas obras a figura de um capoeira, temido e desordeiro, astucioso e protegido. Em "Memórias de um Sargento de Milícias"(1), Manoel Antônio de Almeida nos fala de Chico-Juca, um pardo alto e corpulento, que se encarregava de promover qualquer arruaça por umas patacas. Eis como o romancista nos narra uma dessas confusões em que sempre havia cabeças partidas:

"Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro: havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro

(1) - Almeida, M. A. - "Memórias de um Sargento de Milícias" - Livraria Martins - São Paulo.

ro, e iam a qualquer parte armar de propósito uma desordem, contanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisso se ocupavam, havia, na época desta história, um certo Chico-Juca, afamadíssimo e temível. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-no a princípio - Chico-; porém tendo acontecido que conseguisse êle pelo seu braço lançar por terra do trono da valentia a um companheiro que era no seu gênero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam - Juca - juntaram êste apelido ao seu como honra pela vitória e chamaram-no daí em diante - Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal (2); tinha-lhe já preparado umas poucas, porém ainda não tinha sido possível agarrá-lo. Os granadeiros conheciam-no a léguas, porém nunca conseguiram por-lhe as mãos. Tendo levado todo o dia à espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de cerimônias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinham começado a função.

-Ah! Nem esta noite quer perder?! Pois há de sair-lhe cara a funçanata...

Saiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defornte do Bom Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabelo cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapu-sinho branco muito à banda; ordinariamente era afável, gracejador, cheio de ditérios e chalaças; porém nas ocasiões de sarilho, como êle chamava, era quase feroz. Como outros têm o vício da embriaguez, outros o do jôgo, outros o do deboche, êle tinha o vício da valentia; mesmo quando ninguem lhe pagava, bastava que lhe desse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a fartar é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia também taberneiro que lhe não fiasse e o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sobre um saco quando apareceu-lhe o Leonardo.

-Olá, mestre pataca! disse êle apenas o viu, pensei que ainda estava de xilindró tomando fortuna por causa da cigana...

-Ê mesmo por causa dêsse diabo que te venho procurar.

-Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade...

-Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

-Uii temos dança?... Vai-te embora... Tu não és capaz de armar um sarilho... Sempre foste um padre!...

-Bem sei, eu não sou capaz... mas tu... tu que és mestre disso...

-Eu... Então por que diabo e onde queres tu que eu arme êsse sarilho?...

-Não te hás de arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bolso do colete.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéu um pouco mais para o lado, e pôs-se a escotá-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria; tratava-se nada menos do que ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse à função da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem: ~~xxxxxxixxag~~ preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto, e assim, apenas estivesse armada, era por-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quis explicar e também êle não teve grande curiosidade de saber: tratava-se de uma desordem: fosse qual fosse o motivo, estava sempre pronto. Assim depois de se regatear um pouco o preço chegaram os dois a um

(2) - Vidigal era o Chefe de Polícia da cidade.

acôrdo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, deu-lhe parte do que naquela noite havia em casa da cigana, e afiançou-lhe que a coisa acabava por fôrça em desordem. Portanto cumpria que o senhor major por lá aparecesse para o que desse e viesse.

-Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. La hei de ir, e não precisava a sua advertência, pois já sabia que havia hoje por lá anos, e tinha tenção de aparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano saia às mil maravilhas, e dispôs-se a gozar do resultado, pondo-se à espreita de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia dúzia de modinhas e dançado por algum tempo a tirana, quando o Chico-Juca apareceu, e por intermédio de um conhecido (êle os tinha em tôda parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e saia; daí a pouco tornava a entrar levando consigo alguma das camaradas mais do peito e tornava a sair; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns faziam reparos nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. XXXX Ia a festa continuando e lá pela meia noite, quando começava a fermentar foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavam viola parar subitamente, e, interrompendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

-Isto passa demais...Varro... Menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça que é cá coisa minha...

O Chico-Juca estava com efeito há mais de meia hora a dirigir graçolas das suas a uma moça que êle bem sabia que e-

ra coisa do rapaz que estava tocando; tanto fez que êste, tendo percebido, proferiu aquelas palavras que acabamos de ouvir.

-Você respinga?!... respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para êle.

O rapaz, que não era pêco, pôs-se em pé e replicou:

-Tenho dito, nada de graças com ela...

Mal tinha pronunciado essas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ela em cheio sôbre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi acometido por um pouco; porém ligeiro e destemido, distribuía a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e ponta-pés: algumas mulheres meteram-se na briga, e davam e levavam como qualquer; outras porém desfaziavam-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fora, e desapareceu.

Era pouco tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que êle deixara aberta, a figura tranquila do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, a-pesar-de o terem visto quando saía, porque o Major, tendo nessa ocasião poucos soldados, não quis mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negócio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

-Então que briga é esta?... disse êle desoansadamente.

Começaram todos a desculpar-se como podiam; e segundo o crédito que mereciam por sua reputação era-lhes distribuída a justiça; se era sujeito já conhecido, e que não era aquela a primeira em que entrava ficava de lado, tam e um granadeiro tomava conta dêle; os outros eram mandados embora."(3).

(3) - Ob. cit., págs. 65 a 68.

Aluisio de Azevedo em "O Cortiço" foi ^{mais} preciso na descrição do capoeira; narra ~~uma~~ luta entre um mestiço ~~maxmartuguês~~ e um português em que o primeiro sai triunfante, mas sucumbe mais tarde vítima de infernal cilada. Eis a descrição das duas cenas a que nos referimos (4):

"A noite quando chegou muito bonita, com um belo luar de lua cheia, que começou ainda com o crepúsculo, e o samba remneu mais forte e mais cedo que de costume, incitado pela grande animação que havia em casa do Miranda.

Foi um ferrobodó valente. A Rita Baiana essa noite estava de veia para a coisa; estava inspirada; divina! Nunca dan-sara com tanta graça e tamanha lubricidade!

Também cantou. E cada verso que vinha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbedo de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e êle gemiam com o mesmo gôsto, grunindo, ganindo, miando, com tôdas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra.

Jerônimo não pôde conter-se: no momento em que a bai-ana, ofegante de cansaço, caiu exausta, assentando-se ao lado de-le, o português segredou-lhe com a voz estrangulada de paixão:

-Meu bem! se você quiser estar comigo, dou uma per-na ao demo!

O mulato não ouviu, mas notou o cochicho e ficou, de má cara, a rondar disfarçadamente o rival.

O canto e dança continuavam todavia, sem afrouxar. Entrou a das Dores. Nê-nê, mais uma amiga sua, que fôra passar o dia com ela, rodavam de mãos nas cadeiras, rebolando em meio de u-ma volta de palmas cadenciadas, no acompanhamento do ritmo reque-brado da música.

Quando o marido da Piedade disse um segundo cochicho à Rita, Firmo precisou empregar grande esforço para não ir logo às do cabo.

Mas, lá pelo meio do pagode, a baiana caíra na imprudência de derrear-se tôda sôbre o português e soprar-lhe um segredo, requebrando os olhos. Firmo, de um salto, apurou-se então defronte dêle, medindo-o de alto a baixo com um olhar provocador e atrevido. Jerônimo, também pôsto de pé, respondeu altivo com um gesto igual. Os instrumentos calaram-se logo. Fez-se um profundo silêncio. Ninguém se mexeu do lugar onde estava. E, no meio da grande roda, iluminados amplamente pelo capitoso luar de abril, os dois homens, perfilados defronte um de outro, olhavam-se em desafio.

Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pegocoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a fôrça tranquila, o pulso de chumbo. O outro - franzino, um palmo mais baixo que o português, pernas e braços secos, agilidade de maracajá: era a fôrça nervosa; era o arrebatamento que tudo desbarata no sobressalto do primeiro instante. Um, sólido e resistente; o outro, ligeiro e destemido, mas ambos corajosos.

-Senta! Senta!

-Nada de rôlo!

-Segue a dança! gritaram em volta.

Piedade erguera-se para arredar o seu homem dali.

O cavouqueiro afastou-a com um empurrão, sem tirar a vista de cima do mulato.

-Deixa-me ver o que quer de mim êste cabra!... rousnou êle.

-Dar-te um banho de fumaça, galego ordinário! respondeu Firmo, frente a frente; agora avançando e recuando, sempre com um dos pés no ar, e bamboleando todo o corpo e meneando os braços, como preparado para agarrá-lo.

Jerônimo, esbravecido pelo insulto, cresceu para o

adversário com um sôco armado; o cabra, porém, deixou-se cair de costas, rapidamente, firmando-se nas mãos, o corpo suspenso, a perna direita levantada; e o sôco passou por cima, varando o espaço, enquanto o português, apanhava no ventre um ponta-pé inesperado.

-Canalha! berrou possesso; e ia precipitar-se em cheio sobre o mulato, quando uma cabeçada o atirou no chão.

-Levanta-te, que não dou em defuntos! exclamou o Figo, de pé, repetindo a sua dança de todo o corpo.

O outro erguera-se logo e, mal se tinha equilibrado, já uma rasteira o tombava para a direita, enquanto da esquerda êle recebia uma tapona na orelha. Furioso, desferiu novo sôco, mas o capoeira deu para trás um salto de gato e o português sentiu um ponta-pé nos queixos.

Espirrou-lhe sangue da boca e das ventas. Então fez-se um clamor medonho. As mulheres quiseram meter-se de vermeio, porém o cabra as emborcava com rasteiras rápidas, cujo movimento de pernas apenas se percebia. Um horrível sarilho se formava. João Rô não fechou às pressas as portas da venda e trançou o portão da estalagem, correndo depois para o lugar da briga. O Bruno, os mascates, os trabalhadores da pedreira, e todos os outros que tentaram segurar o mulato, tinham rolado em torno dêle, formando-se uma roda limpa, no meio da qual o terrível capoeira, fora de si, doido, reinava, saltando a um tempo para todos os lados, sem consentir que ninguém se aproximasse. O terror arrancava gritos agudos. Estavam já todos assustados, menos a Rita que, à certa distância, vi-a de braços cruzados, aquêles dois homens a se baterem por causa dela; um ligeiro sorriso encrespava-lhe os lábios. A lua escondia-se; mudara o tempo; o seu, de limpo que estava, fizera-se côr

de lousa; sentia-se um vento úmido de chuva. Piedade berrava, reclamando polícia; tinha levado um tronco-queixos do marido, porque insistia em tirá-lo da luta. As janelas do Miranda acumulavam-se de gente. Ouvia-se apitos, sopraões com desespero.

Nisto, ecoou na estalagem um bramido de fera enraivecida: Firmo acabava de receber, sem esperar, uma formidável sacetada na cabeça. É que Jerônimo havia corrido á casa e armara-se com o seu varapau minhoto. E então o mulato, com o rosto banhado de sangue, retilando as presas e espumando de cólera, erguera o braço direito, onde se viu cintilar a lâmina de uma navalha.

Fez-se uma debandada em volta dos dois adversários, estrepitosa, cheia de pavor. Mulheres e homens atropelavam-se, caíndo uns por cima dos outros. Albino perdera os sentidos; Piedade clamava estarrecida em soluços, que lhe iam matar o homem; a das Dores soltava censuras e maldições contra aquela estupidez de se destribarem por causa de entre-pernas de mulher; a Machona, armada com um ferro de engomar, jurava abrir as fuças a quem lhe desse um segundo coice como acabava ela de receber um nas ancas; Augusta enfiara pela porta do fundo da estalagem, para atravessar o capinzar e ir à rua ver se descobria o marido que talvez estivesse de serviço no quarteirão. Por esse lado acudiam curiosos, e o pátio enchia-se de gente de fora. Dona Isabel e Pombinha, de volta da casa de Léonie, tiveram dificuldade em chegar ao número 15, onde, mal entraram, fecharam-se por dentro, praguejando a velha contra a desordem e lamentando-se da sorte que as lançou naquele inferno. em tanto, no meio de uma nova roda, incitada pelo povo, o português e o brasileiro batiam-se.

Agora a luta era regular: havia igualdade de partidos, porque o cavouqueiro jogava o pau admiravelmente; jogava-o tão bem quanto o outro jogava a sua capoeiragem. Embalde Firmo tentava alcançá-lo; Jerônimo sopesando ao meio a grossa vara na

64

mão direita, girava-a com tal perícia e ligeireza em torno do corpo que parecia embastilhado por uma teia impenetrável e sibilante. Não se lhe via a arça, só se ouvia um zunido do ar simultaneamente cortado em tôdas as direções.

E, ao mesmo tempo que se defendia, atacava. O brasileiro tinha já recebido pauladas na testa, no pescoço, nos ombros, nos braços, no peito, nos rins e nas pernas. O sangue inundava-o inteiro; êle rugia e arfava, irado e cansado, investindo ora com os pés, ora com a cabeça e livrando-se daqui, livrando-se dali, aos pulos e às cambalhotas. A vitória pendia para o lado do português.. Os espectadores aclamavam-no já com entusiasmo; mas, de súbito, o capoeira mergulhou, num relance, até às canelas do adversário e surgiu-lhe rente dos pés, grudado nele, rasgando-lhe o ventre com uma navalhada.

Jerônimo soltou um mugido e caiu de borce, segurando os intestinos.

-Matou! Matou! Matou! exclamaram todos com assombro.

Os apitos enfusaram mais assanhados.

Firino varou pelos fundos do cortiço e desapareceu no capinzal." (5).

E assim termina essa luta, que obrigou o português a se recolher por muitos meses a um hospital, onde ficou entre a vida e a morte. Firino fôra obrigado a mudar-se de cortiço.

"No "Cabeça de Gato", o Firino conquistara rápidas simpatias e constituiria-se chefe de malta. Era querido e venerado; os companheiros tinham entusiasmo pela sua destreza e pela sua coragem; sabiam-lhe de cor a legenda rica de façanhas e vitórias

(5) - Azevedo, A. - Ob. cit. págs. 155 a 160.

(6) - Idem, pág. 191.

as. O Porfiro secundava-o sem lhe disputar a primazia, e estes dois, só por si, impunham respeito aos carapicús, entre os quais, não obstante, havia muito boa gente para o que desse e rixar Yix viesse." (6).

Firno acabou vítima de cilada cuidadosamente preparada por Jerônimo, na qual o papel de Judas foi desempenhado por um intrigante chamado Pataca, que por algumas moedas, como o outro, não tergiversou em atrair o indivíduo ~~auxiliar~~ junto a quem se insinuava como amigo, e que, para tanto, o embuchara.

Mis o seu fim, de acôrdo com a cena descrita por Aluizio de Azevedo:

"Firno levantou-se de improviso e cambaleou para o lado da saída.

-Espera! rosnou o outro, detendo-o. Se queres vou contigo, mas é preciso ir com jeito, porque, se ela (7) nos bispa, foge!

O mulato não fez caso desta observação e saiu a esbarrar-se por tôdas as mesas. Pataca alcançou-o já na rua e pegou-lhe o braço na cintura, amigavelmente.

-Vamos devagar... disse, senão o pássaro se arisca!

A praia estava deserta. Caia um chuveiro. Ventos frios sopravam do mar. O céu era um funil negro, de uma só tinta; do lado oposto da baía os lampeços pareciam surgir da água, como algas de fogo, mergulhando bem fundo as suas trêmulas raízes luminosas.

-Onde está ela? perguntou o Firno, sem se aguentar nas pernas.

(7) - Pataca despertara em Firno a chama do ciúme, dizendo-lhe que o poderia levar onde a Rita Baiana se encontrava com Jerônimo.

-Ali mais adiante, perto da pedreira. Caminha, que hás de ver!

E continuaram a andar para as bandas do hospício. Mas dois vultos surgiram das trevas; o Pataca reconheceu-os e abraçou-se improviso ao mulato.

-Segura-lhe as pernas! gritou para os outros.

Os dois vultos, pondo o cacete entre os dentes, apoderaram-se de Firmo, que bracejava seguro pelo tronco.

Deixara-se agarrar - estava perdido.

Quando Pataca o viu preso pelos sovacos e pela dobra dos joelhos, sacou-lhe fora a navalha.

-Pronto! Está desarmado!

E tomou também o seu pau.

Soltaram-no então. O capoeira, mal tocou com os pés na terra, desferiu um golpe com a cabeça, ao mesmo tempo que a primeira cacetada lhe abria a nuca. Deu um grito e voltou-se cambaleando. Uma nova paulada cantou-lhe nos ombros, e outra em seguida nos rins, e outra nas coxas, outra mais violenta quebrou-lhe a clavícula, enquanto outra logo lhe rachava a testa e outra lhe apanhava a espinha, e outras, cada vez mais rápidas, batiam de novo nos pontos já espancados, até que se converteram numa carga contínua de porretadas, a que o infeliz não resistiu, rolando no chão, a getejar sangue de todo o corpo.

A chuva engrossava. Ele agora, assim, debaixo daquele bate-bate sem tréguas, parecia muito menor, minguava como se estivesse ao fogo. Lembrava um rato morrendo a pau. Um ligeiro tremor convulsivo era apenas o que lhe denunciava um resto de vida. Os outros três não diziam palavra, arfavam, a bater sempre, tomados de uma irresistível vontade de pisar bem a cacete aquela trouxa de carne mole e ensanguentada, que grunhia frouxamente a seus pés. Afinal, quando de todo já não tinham forças para bater ainda,

arrastaram a trouxa até a ribanceira da praia e lançaram-na ao mar. Depois, arquejantes, deitaram a fugir à-toa, para os lados da cidade."(8).

E assim o valente capoeira desapareceu do rol dos vivos.

Mas não apenas os prosadores se dedicaram ao assunto. Vicente de Carvalho (9), em um dos seus poemas mais célebres - "Fugindo ao cativoiro" - , após narrar as terríveis privações e provações por que passam os escravos fugitivos buscando as terras onde outros negros já viviam em liberdade, descreve o sacrifício de um deles, que enfrenta a horda dos perseguidores para que seus companheiros possam ganhar tempo, embora com a certeza de que isso lhe custaria a vida. Dizem êsses versos:

"Hércules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heróico africano selvagem,
Acostunado à guerra, a devastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnagem,
A desprezar a morte espalhando-a às mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a índole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhá-lo diante
Do carrasco e da algema:
Sorri para o suplício e a fito encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.

Erguendo o braço, êle ergue a foice: a foice volta,

(8) - Azevedo, A. - Ob. cit, Págs. 217 e 218.

(9) - Carvalho, V. - "Poemas e Canções" - Cia. Editora Nacional - São Paulo - 1944 - 12a. edição.

E rola sôbre a terra uma cabeça solta.
Sôbre êle vem cruzar-se o gume das espadas...
"Ah, prendê-lo, jamais" responde as fôlçadas
Turbilhoando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorrôs... Êle,
Ágil, possante, ousado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se, e repele.

E não se entrega, e não recua, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
A coragem resiste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a foice rodovia.
Afinal um soldado, ébrio de covardia,
Recua; vai fugir... Recua mais; detem-se:
Fora da luta, sente o gôsto da chacina;
E vagarosamente alçando a carabina,
Visa, desfecha.

O negro abria um passo à frente,
Erguera a foice, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.
Cai-lhe das mãos a foice, inerte, para um lado,
Pende-lhe inerte, o braço. Impotente, indefeso,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprêzo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,

65
E retalham-no à solta os gumes das espadas...

E retalhado, exausto, o lutador vencido
Todo flameja em sangue e espira num rugido."(10).

Como sabemos, a capoeiragem foi introduzida no Brasil pelos escravos vindos de Angola. Desde o século XVII a capoeiragem já era praticada pelos negros fugitivos como meio de defesa e, segundo o testemunho dos soldados que integravam as expedições destinadas a capturá-los, ela consistia num jogo estranho de braços, pernas, cabeça e tronco, com tal agilidade e tanta violência, que lhes dava uma notável superioridade. E Vicente de Carvalho, no poema que acabamos de transcrever, nos dá uma ligeira idéia do que eram os encontros entre as escoltas dos "capitães do mato" e os escravos foragidos nas capoeiras.

(10) - Carvalho, V. - Ob. cit. - págs. 72 e 73.

IV

A PREPARAÇÃO DO CAPOEIRA

I V

A P R E P A R A Ç Ã O D O C A P O E I R A

A preparação do capoeira, como a dos demais desportistas, terá de ser encarada sob o seu tríptico aspecto: física, técnica e tática. Consideraremos cada um desses setores de per si.

Preparação física do capoeira - A preparação física do capoeira compreende também duas fases distintas: a primeira terá por finalidade colocá-lo em condições e a segunda fazê-lo entrar em forma. Para que o indivíduo fique em condições, necessário se torna que desfrute, antes de tudo, de boa saúde, sem a qual o trabalho físico lhe poderá ser prejudicial. Assim, exige-se-lhe o perfeito funcionamento de todos os órgãos e a regularidade de

67

tôdas as funções. A primeira fase da preparação deverá ter em vista o fortalecimento geral do organismo, para que, posteriormente, resista ao trabalho de adaptação à natureza do esforço que lhe será exigido. A segunda fase representa êsse trabalho de adaptação, durante o qual serão desenvolvidas ao máximo tôdas as qualidades físicas requeridas para a prática da capoeiragem, tais como a elasticidade, a flexibilidade, a velocidade e a acuidade, que exigem perfeito domínio dos nervos sôbre os músculos, na mais íntima coordenação neuro-muscular. A capoeiragem não requer grande força, mas isso não significa que os músculos devam ser relegados ao abandono; o que se deverá evitar, e isto é muito importante, ~~que~~ são os exercícios predominantemente de contração muscular, os quais prejudicam a elasticidade dos músculos e diminuem a amplitude dos movimentos articulares.

No último capítulo desta monografia, apresentaremos os exercícios indicados para o desenvolvimentos geral das qualidades requeridas ao capoeira, osquais serão reunidos nas sessões de preparação, conforme as denominaremos; farão parte também do último capítulo os exercícios indicados para a adaptação do organismo à natureza do esforço que lhe será exigido, os quais integrarão as nossas sessões de adaptação.

Preparação técnica do capoeira - É preciso esclarecer que o treinamento desportivo da capoeiragem difere da sua aprendizagem e só poderá ter início quando esta estiver terminada. No treinamento desportivo, temos por finalidade preparar o indivíduo para que tome parte em determinada competição, dispondo, portanto, de prazo fixo para realizar a tarefa. A aprendizagem pode desenvolver-se em tempo indeterminado, de acôrdo com o interêsse e as possibilidades do aprendizando. Na capoeiragem, como na esgrima, a aprendi-

zagem é extremamente complexa e exige qualidades excepcionais do indivíduo, entre as quais avulta a acuidade sensorial. O capoeira terá de ser um taqui-psíquico - predominância do sistema simpático -, com reações rápidas, e nunca um bradipsíquico - predominância do sistema vagal -, com reações lentas. Fica entendido que, no presente trabalho, consideramos a fase de aprendizagem concluída e, nessas condições, o preparo técnico visaria à obtenção do estilo, com a posse do qual o capoeira, despenderá o mínimo de forças e alcançará o máximo de eficiência.

No último capítulo, procuraremos demonstrar como o preparo técnico poderá ser processado com as sessões de aplicação e as sessões complementares. As primeira estão representadas pela própria prática desportiva, afim de que o capoeira possa aplicar, em sequência, os golpes e contra-golpes que aprendeu isoladamente, de acôrdo com as oportunidades que se lhe ofereçam. As sessões complementares servirão para corrigir os defeitos de guarda, vícios de técnica, aprimorando-a no seu mais elevado grau. Os assaltos - sessões de aplicação - permitirão que o instrutor verifique o que deve corrigir, desenvolver e aprimorar, enquanto nas sessões complementares ~~xxxxxxxxxxxx~~ processará o trabalho conveniente para alcançar tais objetivos.

Preparação tática do capoeira - A tática representa a maneira mais eficiente de aplicar a técnica; de acôrdo com o adversário, capoeira ou leigo, boxeur ou ~~xxxxxxxxxxxx~~ lutador de jiu-jitsu, savata ou jogador do pau, conforme a sua estatura, o peso, a compleição física, a tática a empregar variará. Ocorre-nos agora relatar a tática posta em execução por Cyríaco, capoeira que em 1910, no Pavilhão Internacional, enfrentou um japonês lutador de jiu-jitsu, segundo o testemunho de Sinhêzinho que havia assistido a essa lu-

71

ta. Era uma luta em que se pretendia verificar se a capoeiragem ou ao jiu-jitsu deveria saber a supremacia; uma luta séria em que valia tudo e que deveria terminar somente com a desistência ou knock-out de um dos contendores. O Pavilhão se encontrava apinhado de gente ansiosa por ver o original embate que se ia travar. A um dos cantos do tablado estava o Moleque Cyríaco, como era conhecido, e no outro, impassível, o japonês. Terminadas as formalidades iniciais, o juiz deu início à luta. Cyríaco avança para o meio do tablado "peneirando" e, inesperadamente, sem que ninguém pudesse prever, larga uma vastíssima cusparada no rosto do japonês, resultado de muitos minutos de insalivação, e que saiu de seus grossos lábios como se fosse um jato. O japonês fechou os olhos por um instante e, quando os abriu, já se encontrava esparramado violentamente no shō chō; levantou-se atordoado com o inesperado ataque, mas Cyríaco não esperou que ele se refizesse da surpresa: com um rabo de arraia o prostrou desacordado. A luta durou menos de um minuto, mas a multidão delirava com o resultado; Cyríaco foi sarregado triunfalmente e, por muitos dias, não se falou em outra coisa. É lógico que, nas competições desportivas, tais recursos de tática não serão válidos, mas numa luta em que o indivíduo tem a sua vida em jogo a utilização de expediente semelhante, inesperado, poderá dar-lhe a vitória imediata. Sem chegar a esse extremo, há recursos táticos que deverão ser mobilizados de acordo com as condições do momento; seu principal objetivo é surpreender o adversário, não esperando que ele se possa refazer da surpresa. Um golpe que abala ou atordoa o adversário deve ser seguido imediatamente de outro que o aniquile, sem dar tempo que recobre o seu estado normal.

O desenvolvimento ~~xxx~~ da tática deverá ser feito nas sessões de aplicação e o seu aprimoramento nas sessões complementares. No último capítulo deste trabalho, apresentaremos os exercícios adequados a cada uma dessas finalidades. É importante saber a espécie de adversário com o qual o capoeira terá de competir, isto

72

é, se se trata de outro capoeira ou praticante de outra modalidade de ataque e defesa. Ciente disso, é possível ao instrutor estudar quais são os golpes mais eficientes que o adversário poderá aplicar, a provável tática que adotará (se lutará de pé, agachado, deitado, qual a guarda de que se utilizará, etc.) e, de posse de tais conhecimentos, preparar o seu pupilo para que anule a tática do antagonista e imponha a sua. A técnica do capoeira será importante, mas a vitória dependerá muito mais da tática que ponha em jogo. O mesmo ocorre na luta-livre em que, conforme as condições do adversário, se deverá procurar desenvolver a ação de pé ou no tapete. O capoeira deverá desenvolver o seu jogo sempre em condições que leve vantagem sobre o adversário e, sobretudo, evitar que ele lhe imponha a sua ~~tática~~ tática.

V

CONTRIBUIÇÃO PARA UM PLANO DE TREINAMENTO DA CAPOEIRAGEM

CONTRIBUIÇÃO PARA UM PLANO DE TREINAMENTO DA CAPOEIRAGEM

Antes de apresentarmos a nossa contribuição a um plano de treinamento da capoeiragem, vamos expor os principais golpes da capoeiragem, devidamente ilustrados, e as regras a que o jogo deverá obedecer.

Principais golpes utilizados na capoeiragem

Da mesma forma que no jiu-jitsu, considerável é o número de golpes de que a capoeiragem se utiliza, mas os principais, aquêles em que haverá maior oportunidade de emprêgo, não chegam a 30 e poderá ser considerado bom capoeira o indivíduo capaz de os executar a todos com perfeição e, nos assaltos, de acôrdo com a oportunidade que se apresente. É lógico que o capoeira tenha os seus golpes preferidos, aquêles com que decide a luta, os que executa melhor, com a maior eficiência, assim como

eficientes contra-golpes que aniquilarão o adversário menos esperado.

Antes de entrar na aprendizagem dos golpes o aluno precisa aprender a guarda, a qual posteriormente adaptará às suas características, e o jogo de corpo com que deverá distrair a atenção do antagonista, conhecido sob a denominação de peneirar ou pentear. Este último será desenvolvido à proporção que o aluno for ampliando os seus conhecimentos.

A guarda

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

A guarda, como no box ou na luta-livre, é a atitude de expectativa em que o lutador se põe, aguardando a oportunidade para a aplicação de um golpe, quando tiver a iniciativa, ou de um contra-golpe quando esta se encontrar com o adversário. À advertência em guarda, o capoeira deve colocar todos os seus músculos sob o controle da vontade, prontos para a execução

de qualquer movimento, fixar o adversário e nele concentrar toda a sua atenção, percebendo todos os seus mínimos movimentos e como que lhe adivinhando o pensamento. Uma das pernas, a direita ou a esquerda, conforme a preferência do capoeira, fica levemente à frente; o peso do corpo repousa mais na perna de trás, os joelhos são levemente flexionados; o corpo é ligeiramente oitavado à direita ou a esquerda, segundo esteja avançada a perna ~~à esquerda~~ à esquerda, ou a direita. Os braços conservam-se semi-flexionados, de modo que o do lado da perna avançada esteja ~~num~~ em plano mais elevado que o do da perna recuada; os dedos são mantidos abertos e semi-flexionados. Em linhas gerais, essa é a atitude do capoeira em guarda; é preciso que o lutador se sinta comodamente dentro da sua guarda, inteiramente à vontade, e, com frequência, há necessidade de moldá-la a certas características individuais.

Peneirar ou penteiar

À ginga do corpo, bamboleio em que os braços se atiram em todas as direções e o corpo dança sobre as pernas semi-flexionadas, denomina-se penteiar ou peneirar. Com isso o capoeira pretende perturbar a atenção do adversário, distraí-lo para aplicar o seu golpe com maior eficiência e inesperadamente. Aconselha-se que o aluno pratique isso consigo mesmo, frente a um espelho. O capoeira não deve falhar nos golpes que aplica e, portanto, só os deverá aplicar com a certeza do seu êxito; por essa razão necessário se torna que aprenda a peneirar bem.

A rasteira

A rasteira diferencia-se do corta capim, porque este é dado na posição descaída, enquanto na primeira o capoeira está de pé, firme. A perna com que a rasteira é desferida será levemente flexionada de modo que o seu joelho alcance - se for a perna direita o joelho do lado direito do adversário e se for

44

a perna esquerda e joelho do lado esquerdo -, enquanto o pé se ajusta no bordo externo do pé de lado contrário do adversário, isto é, se a rasteira for dada com a perna direita no pé esquerdo e se o for com a perna esquerda no pé direito. Com o impulso que a perna leva, o adversário terá a sua base de sustentação deslocada do solo, o que lhe acarretará a queda.

O rabo de arraia, de frente, com as duas pernas

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

O capoeira se aproximará maneirando do adversário e firmará rapidamente as palmas das mãos no solo, girando os pés como se estivesse executando um salto mortal. Os pés deverão atingir o adversário no rosto ou nas no peito. Trata-se de golpe perigoso

tanto para quem o desfere como, e principalmente, para quem o recebe. O seu êxito reside na presteza com que é realizado e, sobretudo, na surpresa com que deverá ser o adversário colhido.

O rabo de arraia, com uma perna de lado

É mais fácil de executar e mais eficiente que o anterior. O capoeira deverá oferecer um dos pés ao adversário, ameaçando-o com um ponta-pé, e, logo que éste o segurar, girar rãpi-

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

damente o corpo, apoiando as mãos no solo, de modo que o pé contrário venha bater violentamente no queixo ou maxilar ouvido do adversário. A pancada será muito forte se o calcâneo for a parte do pé a golpear. Haverá muitas oportunidades para a aplicação d'êste golpe, principalmente contra os leigos ou adeptos de outra modalidade de ataque e defesa. É mais difícil de empregar

contra outro capoeira, pois este nunca dará oportunidade para tanto.

O corta-cabim

É golpe para o qual sempre existe oportunidade. O capoeira descai para trás repentinamente, apoiando as duas mãos no solo, encolhe uma das pernas e, esticando a outra, faz com ^{que} es-

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

ta gire violentamente, deslocando o adversário pela sua base de sustentação. É o golpe mais comum da capoeira, utilizado como excelente meio de defesa, quando este se bate contra diversos adversários, cujo contacto, por essa forma, evita.

O fagão

Aplicado da mesma forma que o corta-cabim, mas alcançando o adversário no ar, quando este pula para evitar o golpe. O seu efeito é espetacular, pois a vítima gira violentamente

sôbre si mesma.

O rapa

O rapa é uma modalidade de rasteira em que o pé da perna que a desfere toma contacto com o bordo externo ~~do pé~~ do pé de perna contrária do adversário. Se ~~o rapa é~~ dado com a perna direita, o pé direito do capoeira toma contacto com o pé esquerdo do adversário. O corpo do capoeira deverá estar

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

ligeiramente inclinado para trás e apoiado sôbre a perna recuada.

A tesoura

É golpe também muito utilizado na luta-livre. O capoeira atira-se ao chão, de barriga para baixo, apoiado sôbre am

8

bas as mãos, envolve as pernas do adversário com uma de suas pernas esticadas de cada lado, e, virando-se violentamente, obriga-o a cair. O golpe também poderá ser dado descaindo o capoeira de bar

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

riga para cima e procedendo do mesmo modo.

O dourado

O capoeira, descaindo para trás e apoiando ambas as mãos no solo, a perna de apoio encolhida sob a bacia, com a perna atacante semiflexionada envolve o adversário por uma das pernas e o desloca violentamente pela base de sustentação, fazendo com que o mesmo descreva um semicírculo no espaço e se projete à retaguarda do atacante.

A Queixada

O capoeira dará um passo à frente, em direção ao adversário e, calculando a distância existente entre ambos, suspenderá a perna, direita ou esquerda, com força, de modo que o pé

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

bata no queixo do adversário. Preferentemente o queixo do adversário deverá ser atingido com o calcâneo, que é a parte mais dura do pé.

A bahiana

O capoeira correrá em direção ao adversário e, quando chegar bem próximo, deverá abaixar-se com rapidês, segurar com firmeza as pernas do adversário e, com um arranco brusco, fazê-lo cair violentamente para trás. A cabeça auxiliará a impulsão do antagonista.

O passo da cagonha

Quando o adversário levantar uma das pernas, preten-

83

dendo golpear o capoeira, êste entrará sob a mesma, prendendo-a com as mãos ou escorando-a com o pescoço, e desferirá uma rasteira, rapa ou banda.

A banda de frente

A banda é uma modalidade de rasteira, em que o joelho da perna com que se dá a rasteira empurra naturalmente as pernas do adversário, pegando-as de frente. Por êste último motivo é conhecido por banda de frente.

A encruzilhada

O capoeira cruzará um dos pés à frente do adversário

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

e, descaindo o corpo rapidamente para trás, deslocará o adversário pela sua base de sustentação num arranco forte, fazendo com que o mesmo se projete para em direção contrária àquela em que a perna se desloca.

O tombo de ladeira ou o calco

Consiste em aproveitar o pulo ou salto do adversário, alcançando-lhe os pés com um golpe de perna semelhante ao facão. O antagonista atingido no ar cairá desastadamente.

O escorão

O capoeira encolherá um dos pés e, simulando recuar, o desferirá violentamente sôbre o ventre do adversário quando este avançar. É preciso, nas lutas desportivas, ter o necessá-

V . A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

rio cuidado para que não se dirija aos órgãos genitais do antagonista.

A xulina

É uma taponna dada com a palma ou o dorso da mão; sôbre o resto é aconselhado o dorso da mão e sôbre o ouvido a pal-

na da mão, ligeiramente em forma de concha. Para aplicá-la com eficiência, o capoeira deverá ameaçar um golpe de perna de moço que o adversário, recuando as suas pernas, incline o rosto para a frente, expondo-o à xulipa.

O arrastão

O capoeira deixar-se-á cair para trás e, apoiando-se em ambas as mãos, lançará violentamente os dois pés sobre o

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

adversário, procurando atingi-lo no rosto, no peito ou no ventre; nas lutas desportivas deverá existir a cautela de não alcançar o antagonista nas partes genitais.

O me esquece

Este golpe assemelha-se à banda, mas não é dado firmando nos joelhos do adversário; o capoeira avançará para o adver

sário levando a perna, direita ou esquerda, rija, fará com que fique colada nas pernas dêste último, correspondendo dos pés à cintura, à frente do antagonista, e, ajudando-a com um impulso, a levantar violentamente, causando violenta queda dêste.

A banda amarrada

Conforme o seu nome esclarece, êste golpe deverá ser dado somente quando a banda estiver bem amarrada, isto é, quando o capoeira sentir que o pé está prêso no do adversário e

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

que o joelho da perna que dá o golpe pressiona fortemente o do adversário antagonista. Poderá ser desferido com uma ou outra perna, de acôrdo com a habilidade ou preferência do capoeira, que ficará na posição indicada pela figura acima.

O tranco

O capoeira, sem que o adversário perceba a sua intenção, aproxima-se dêste, bate-lhe com o braço esquerdo no lado esquerdo, ao mesmo tempo que, com a perna direita, desloca

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

a base de sustentação do adversário em sentido oposto. A gravura dá bem a idéia de como deverá o golpe ser aplicado e da ligeira torção de corpo que se faz mistér.

A banda forçada

Este golpe difere dos demais de banda. O capoeira avançará para o adversário, peneirando, e, fingindo escorregar, apoia as mãos no chão e estende uma das pernas esticada ao lado

das pernas do adversário; com a outra perna flexionada empurra violentamente o adversário para o lado ou para trás.

A chincha

O capoeira correrá em direção ao adversário como se o fosse agarrar e, abaixando-se rapidamente, puxa-lhe as pernas,

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

com as mãos apoiadas pouco acima da articulação dos joelhos na parte posterior das coxas, completando o golpe com uma cabeçada na altura do esterno.

O vôo do morcego

É um golpe difícil de ser executado pela rapidez de movimentos que requer, tornando o capoeira vulnerável se fa-

Ihar. O lutador tomará certa distância do adversário e, num pulo rápido a que emprestará a maior fôrça de impulsão, fará o corpo voar com os braços encolhidos; quando o antagonista for alcançado, os braços serão empurrados violentamente para a frente e um dos pés, em ambos, o golpeará nas canelas ou joelhos.

A banda jogada

Este golpe é aplicado com o joelho. O capoeira firma o pé da perna que aplica o golpe no bordo externo do pé do adversário e com o joelho da mesma perna, aplicado sobre o joelho do adversário, na parte interna, impulsiona-o com a maior violen

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

cia possível para o lado de fora. Isto, pelo desequilíbrio que ocasiona ao adversário, o fará cair. O golpe deverá ser aplicado com o capoeira bem ao lado do antagonista, conforme indica a

figura.

A espada

Só é aplicado quando o adversário se apresenta armado de faca, punhal ou navalha, não sendo, portanto, aplicado em combates comuns. O capoeira avançará naneyrando, fixando o inimigo, sem lhe perder o mínimo gesto, e quando este levantar o braço para desferir o golpe, erguerá rapidamente uma das pernas, de mo-

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

do que o pé flexionado bata fortemente na arma pelo lado posterior, de modo a ser possível arrancá-la da mão do agressor. Conforme as circunstâncias do momento, a posição do pé variará de maneira a tornar mais fácil o desarmamento do adversário, levando em conta o modo por que empunha a arma.

O suicídio

Assim se denomina este golpe porque, se o inimigo estiver armado de punhal ou faca, é quase certo que se fira e seriamente.

O capoeira avança pensando e, na justa medida, descai o corpo para trás, fazendo com que os pés, flexionados, rentes ao chão, se metam entre os pés do inimigo e, num brusco

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

empurrão de pernas, faz com que o adversário caia sobre si; simultaneamente encolhe uma das pernas, de maneira que o joelho se interponha entre ambos, e arremessa o antagonista por sobre a cabeça. Se este tiver tempo soltará a arma, sofrendo apenas as consequências da queda.

A cabeçada

É um dos recursos de que mais se vale o capoeira.

72

É dada com simplicidade, quase sempre de baixo para cima, atingin-
do o adversário no mento, no peito, na barriga ou no rosto. Para
que se torne mais violenta o capoeira tomará com as mãos o antago-
nista ~~fixando~~ pela cintura, o que lhe dará maior firmeza, impe-

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

dindo que o mesmo se furte ao golpe. Havia, entre os capoeiras do
início deste século, um hábito muito disseminado de se livrarem da
polícia, quando eram abordados. Negando qualquer culpa, o capoeira
deixava cair o seu lenço ao chão, abaixava-se inocentemente para a
panhá-lo e, quando se levantava, desferia violenta cabeçada no in-
terlocutor, que, colhião inteiramente de surpresa, não raro adorme-
cia por muitos minutos.

O Baú

O baú é aplicação com a barriga para levantar o adversá-
rio e usado quase sempre como complemento de outros golpes (baiana,

Principais contra-golpes utilizados na capoeiragem

Os principais contra-golpes que um capoeira poderá aplicar em luta contra outro capoeira são os seguintes:

NA rasteira

Desde que o capoeira esteja em guarda não será possível derrubá-lo com uma rasteira, pois o peso de seu corpo repousa sobre a perna de trás, enquanto a da frente se conserva não apenas apoiada sobre o solo, sem qualquer responsabilidade no equilíbrio do indivíduo. Nunca o lutador deverá pular para se tentar livrar da rasteira, pois se esta o pegar no ar a queda será desastrosa.

Dorabo de arraia de frente, com as duas pernas

O rabo de arraia será evitado desde que o atacado se abaixe rapidamente; aproveitando a posição aplicará uma baina nos braços do adversário ou o golpeará nos flancos, o que o desequilibrará.

Do rabo de arraia com uma perna de lado

A primeira coisa consiste em não se segurar o pé do adversário em posição que lhe seja possível executar o golpe. Desde que este tenha sido desferido, o atacado deverá erguer um dos braços em defesa ao rosto e puxar fortemente para o lado a perna segura.

Do corta-canim

Para evitá-lo, o capoeira saltará para trás na posição de guarda; deste modo, ainda que alcançado, não perderá o equilíbrio, pois o peso de seu corpo estará apoiado na perna recuada. A perna da frente, que é oferecida, fica bamba, sem resis-

tir a qualquer pancada.

Do facção

Duas são as possibilidades de anular o golpe; a primeira consiste em desequilibrar o corpo de modo a cair sobre as mãos e a segunda em abrir ao máximo as pernas estendidas, de

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

tênua modo que o pé do adversário deslize sobre a superfície da perna.

Da banda de frente

O recurso de defesa está representado num salto rápido para trás com o corpo ligeiramente oitavado; aí o capoeira entrará imediatamente na posição de guarda.

Da cabeçada

A cabeçada poderá ser defendida desde que as duas mãos sejam colocadas à altura do peito, o que o protegerá, assim como o queixo. Simultaneamente poderá ser aplicado um rapa ou uma arqueixada.

Do dourado

Para anular êste golpe bastará que o atacado flexione os dois joelhos sôbre a perna do atacante, tão cêdo per

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

ceba a intenção dêste. Por esta forma o golpe perderá tôda a sua eficiência e exporá o atacante a uma situação de insegurança.

Do raba

Basta abrir os pés em forma de "leque".

Da tesoura

Percebido o golpe, o atacado saltará rapidamente, fechando as pernas; quando estiver descendo no salto, deverá abrir as suas pernas e prender as do adversário, com o que passará a dominar a situação.

Da encruzilhada

Para livrar-se da encruzilhada o atacado descairá o corpo para trás, apoiado em ambas as mãos e somente numa das pernas, e levantará a outra perna, de modo que o pé alcance o quei-

V. A PRIMEIRA VIA ONDE SE ENCONTRA A ILUSTRAÇÃO

xo do atacante ou o rosto, preferentemente na região do nariz.

Da baiana

Logo que o atacado percebe o golpe, deverá descair o corpo rapidamente para trás e, apoiando-se sobre ambas as mãos, encolher e esticar violentamente os pés visando o peito ou o ro-

97

to do adversário (golpe denominado arrastão).

Da queixada

Se o atacado pular para trás em tempo evitará o golpe e ainda poderá aproveitar a situação para aplicar o passo da cegonha.

Do escorão

Pular para trás rapidamente.

Do arrastão

Pular para trás em tempo e, quando o adversário for levantar-se, pisar-lhe um dos pés ou ambos.

Da xulina

O atacado pulará para trás ou se abaixará velozmente.

Da banda amarrada e da banda jogada

O atacado oitavará para a esquerda ou para a direita, conforme a perna com que o adversário desfira o golpe, e, pulando para trás, cairá em guarda.

Do me esquece

Este golpe poderá ser defendido por uma rápida vira-volta a que deverá seguir uma violenta cabeçada dirigida ao mento do adversário.

Da banda forçada

Na defesa deste golpe procede-se do mesmo modo que na defesa da encruzilhada.

Do vôo do moreco

Para defender-se d'êste golpe, o atacado pulará rapidamente para um dos lados ou para trás, sendo preferível que pule sempre para um dos lados, o que lhe permitirá maior segurança.

Do suicídio

O suicídio será evitado desde que o atacado abra os pés em forma de leque, pulando para trás com a maior rapidez.

Regulamentação para a capoeiragem como jogo desportivo

Deve-se a regulamentação da capoeiragem sob forma de jogo desportivo a Anibal Burlamaqui (Zuma), que a publicou em 1928 (1).

O campo

O campo para a capoeiragem poderá ser demarcado num campo de futebol ou em qualquer gramado plano; isso amortecerá as quedas e evitará a poeira. Em casos excepcionais será marcado sôbre o assoalho de ginásios ou salões, onde existe o inconveniente da dureza do solo, o que muito contribuirá para que as quedas se tornem bem mais perigosas. As linhas serão assinaladas com cal e terão de quatro a cinco centímetros de largura. Como demonstra a figura da página seguinte, o campo para a capoeiragem é um círculo de 5 metros de raio, no interior do qual existe um Z; no meio d'êste Z, há um círculo com um metro de raio e cada uma das cabeças da letra mede 2 metros. Afirma

(1) - Burlamaqui, A. - Ginástica Nacional (Capoeiragem) - Método
dizada e regrada - Rio de Janeiro - 1928 - 1a. edição.

201
rá para o reinício do combate.

O juiz

O juiz deverá ser reconhecidamente imparcial e competente e será escolhido de acordo com os jogadores. Poderá tomar qualquer decisão por violação das regras, cometida dentro ou fora dos limites do campo, do início ao fim do jogo. Descontará todo e qualquer tempo perdido por motivo de acidente ou qualquer outra causa. O juiz apitará uma vez para interromper a luta, quando os tempos se esgotarem ou os capoeiras saírem do círculo maior ou, ainda, por qualquer outra circunstância, procedendo do mesmo modo para que a luta se reinicie; apitará por duas vezes quando se verificar o final da luta.

As botinas dos lutadores

Os lutadores deverão usar botinas, amarradas por cordões, as quais poderão apresentar nas solas barras transversais ou rosetas de borracha, cuja saliência não poderá exceder de cinco milímetros. Não será de forma alguma permitido que as botinas contenham botões, pregos salientes ou chapas de metal, etc., afim de que não se verifiquem acidentes.

Contribuição para um plano de treinamento da capoeiragem

Na elaboração de um plano para o treinamento da capoeiragem, excluída deste qualquer preocupação de aprendizagem dos golpes e contra-golpes que apresentamos antes de entrar neste assunto, deveremos considerar, como ocorre para os demais desportos, os seguintes elementos:

Fim a atingir - O objetivo que se tem em vista é o elemento principal para a organização de qualquer plano de trabalho; no caso presente, o fim a ser alcançado é a colocação do capoeira no estado de forma, isto é, em excepcionais condições físicas e técnicas e com excelente desenvolvimento de tática.

Tempo previsto - Quando um capoeira é submetido a treinamento certamente o faz para uma próxima luta, de modo que o instrutor necessitará saber de que tempo dispõe; não somente o número de dias, como ainda as horas com que poderá contar dentro de cada dia.

Número de ~~lutas~~ capoeiras - O instrutor poderá ter de preparar uma equipe de lutadores e, nessas condições, precisará distribuir racionalmente o seu tempo e o seu esforço, de maneira a poder atender às necessidades de cada um.

Valor dos capoeiras - O instrutor precisará certificar-se do valor daqueles que irá submeter a treinamento e, fator muito importante que não poderá ser descuidado, o valor dos adversários com os quais os seus pupilos irão medir força. No caso dos capoeiras lutarem contra adversários que utilizem outros meios de ataque e defesa (boxeurs, lutadores de jiu-jitsu, etc.) será o assunto levado na devida consideração para a escolha da tática de luta a ser escolhida e imposta pelo capoeira.

Recursos disponíveis - Tantos os recursos de ordem pessoal (professores de educação física, monitores de capoeira, auxiliares eventuais, médicos especializados, etc.) como os de ordem material (instalações e material móvel) precisarão ser conhecidos,

afim de que não sejam indicados exercícios de impraticabilidade de material, ou para os quais não se disponha de pessoal.

Meios a empregar - O instrutor usará: as sessões de preparação para o fortalecimento geral do capoeira e o desenvolvimento das principais qualidades requeridas por esta prática desportiva; as sessões de adaptação para adaptar o organismo do capoeira à natureza do esforço que lhe será exigido; as sessões de aplicação para o desenvolvimento das qualidades técnicas e táticas, representadas as referidas sessões pela realização dos assaltos, durante os quais o instrutor observará os vícios de posição e os defeitos de execução a corrigir; as sessões complementares para o aprimoramento da técnica e aumento de recursos táticos.

Horários - O horário semanal preverá o número de sessões por semana e o diário a hora em que o treinamento terá lugar. Para a mais completa adaptação do organismo às condições em que a prova se desenvolverá, aconselhamos que as sessões de treinamento tenham lugar, tanto quanto possível, em hora correspondente àquela em que a luta será realizada.

Uniforme - O uniforme deverá constar de calção de banho ou calção de ginástica com suspensório atlético, camisa facultativa e botinas regulamentares. O capoeira não deverá usar botinas novas no combate a ser travado, mas aquela ~~XXXXXXXX~~ de que

(2) - Burlamaqui, A. - Ob. cit. pág. 17.

se utilizou nos treinos, uma vez que esta já se encontra moldada segundo a conformação dos pés.

Local - O instrutor deverá conhecer o local em que a luta será travada e fazer com que os seus pupilos treinem pelo menos uma vez no mesmo; esse detalhe é importante não apenas para que sintam a natureza do terreno como também para que observem os pontos de referência com que poderão contar no desenvolvimento da luta..

Esquemáticamente, os elementos que acabamos de considerar poderão ser assim representados:

- (Fim a atingir
- (Tempo disponível até a data da competição
- (Número de capoeiras para treinamento
- (Valor dos capoeiras (que irão competir
- (adversários
- (Recursos disponíveis (em pessoal
- (em material
- (Meios a empregar (sessões de preparação
- (sessões de adaptação
- (sessões de aplicação
- (sessões complementares
- (Horários (semanais
- (diários
- (Uniforme
- (Local

A elaboração de um plano evitará a improvisação do trabalho e assegurará rendimento certo e útil ao fim do treinamento.

to.

Formas de atividades indicadas para cada um dos tipos de sessão

Para completar este capítulo que já se nos afigura bastante extenso, faremos a indicação, ou melhor, a sugestão de algumas formas de atividades físicas indicadas para cada um dos tipos de sessões que adotamos, de acôrdo com a sua finalidade.

Sessões de preparação -

a)-Exercícios analíticos:

- 1)-de braços;
- 2)-de pernas;
- 3)-de tronco;
- 4)-abdominais;
- 5)-combinados;
- 6)-assimétricos;
- 7)-da caixa torácica;
- 8)-respiratórios.

b)-Exercícios sintéticos:

- 1)-de marchar;
- 2)-de equilibrar-se;
- 3)-de saltar;
- 4)-de correr (velocidade);
- 5)-de lançar (precisão);
- 6)-de atacar e defender-se.

c)-Desportos individuais:

- 1)-box;
- 2)-luta-livre;
- 3)-jiú-jitsú;
- 4)-esgrima;
- 5)-atletismo (corridas de velocidade e sobre barreiras);
- 6)-ginástica acrobática;
- 7)-tenis.

d)-Desportos coletivos:

- 1)-basquetebol;
- 2)-futebol;
- 3)-voleibol (preferentemente jogo de duplas).

Sessões de adaptação -

- a)-"pencirar" (em frente a um espelho);
- b)-cambalhotas (de frente, de costas e de lado);
- c)-exercícios para o fortalecimento das articulações coxo-femorais, de modo a permitir a maior amplitude na abertura das pernas;
- d)-ponta-pés em manequim, visando uma região ou ponto;
- e)-saltos em extensão, com e sem impulso; em altura, com ou sem impulso (não se trata do salto com estilo); mortais, com e sem o auxílio das mãos, para a frente e para trás; ~~exercícios~~ abrindo uma das pernas para a frente, para trás ou para o lado; de pé ou agachado;
- f)-levantamento do chão, estando em decúbito dorsal ou ventral, por impulsão do corpo, sem o auxílio das mãos;
- g)-giros no ar em ambos os sentidos, com as pernas juntas ou afastadas;
- h)-saltar e cair em guarda; cair e levantar-se em guarda;
- i)-esquivar-se a diferentes golpes desferidos ou não de surpresa;

- j)-execução do ~~maria-capira~~ giro de uma das pernas, contínuo, tendo o corpo apoiado sobre as duas mãos e a outra perna, flexionada para a frente, trocando sucessivamente os pontos de apoio;
- k)-giro de braço de cima para baixo, de baixo para cima, da frente para trás e de trás para a frente;
- l)-prática da precisão de todos os golpes no manequim (este será pendurada por uma corda, à altura da cabeça, de modo a não oferecer resistência aos golpes; as pernas ficarão arrastando no chão, mas o peso do boneco não se apoiará sobre elas);
- m)-outros exercícios a critério do instrutor.

Sessões de aplicação -

As sessões de aplicação consistem na realização dos próprios assaltos, com duração inferior ou superior à estabelecida para os tempos da luta. Os capoeiras treinarão entre si ou com o instrutor; durante o desenvolvimento dos assaltos este observará os jogadores de modo a se aperceber de quantos defeitos apresentem na execução dos golpes, dos contra-golpes, o desembaraço com que nenearam, os defeitos de guarda, etc., assim como a tática que estão empregando.

Sessões complementares -

Nestas o instrutor corrigirá os defeitos e deficiências observados nas sessões de aplicação, procurando apurar a técnica e desenvolver ao seu mais elevado grau os recursos táticos do capoeira, de modo que este se encontre em condições de a-

nular a tática posta em jogo pelo seu adversário e impor a sua. Se por acaso o capoeira tiver de se bater com antagonistas que adotem outra modalidade de ataque e defesa, a sua tática variará de acôrdo com o tipo de luta sã do adversário. Deverá ainda, neste caso, conhecer os principais golpes com que poderá ser atingido pelo adversário, de modo a evitar a concessão de oportunidades para os mesmos. O segredo do capoeira está em não se deixar agarrar, em aplicar o seu golpe e esquivar-se, em evitar a todo custo a luta corpo a corpo, principalmente contra os jogadores de jiú-jitsú e de luta-livre; contra os boxeuz, sempre que descair o corpo para trás estará protegido, devendo, além disso, conservar-se sempre fora da medida ^{seus} dos punhos. O instrutor, experiente como deverá ser, orientará o seu pupilo sôbre a melhor forma com que se deverá conduzir.

queremos
 Ao terminarmos êste trabalho, sem pretensões, ~~queremos~~ frisar que o desejo que nos anima, e nissô insistimos novamente, é fazer com que a capoeiragem ressurja, não mal vista por todos como a décadas atrás, mas de forma tal que nela se perceba algo de nosso, um elemento de nosso folclore; um recurso de que o brasileiro poderá e lançar mão para enfrentar os meios de ataque e defesa com que outros povos contam, moldados segundo as suas características; um desporto espetacular em que a coragem, a destreza, a precisão sensorial, a coordenação neuro-muscular, suplantarão tudo o que a nossa mente poderia imaginar.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, M.A. - "Memórias de um Sargento de Milícias" - São Paulo.
- Aulete, Caldas - "Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa - Lisboa - 1881.
- Azevedo, A. - "O cortiço" - Rio de Janeiro - 1943 - 9ª edição.
- Bastos, J.F. da Silva - Dicionário Etimológico, prosódico e ortográfico da língua portuguesa - 2ª edição - Lisboa - 1928.
- Burlamaqui, A. - "Ginástica Nacional (Capoeiragem) - Metodizada e regrada - Rio de Janeiro - 1928 - 1ª edição.
- Carneiro, E. - "Negros Bantús" - Vol. XIV - Rio de Janeiro - 1937.
- "Religiões Negras - Vol. VII - Rio de Janeiro - 1936.
- Carvalho, V. - "Poemas e Canções" - São Paulo - 1944 - 12ª edição.
- Debret, J.B. - "Viagens pitoresca e histórica ao Brasil" - São Paulo - Tomo I.
- Edmundo, L. - "O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis" - Rio de Janeiro - 1932.
- Escorel, M.C.D. - "Código Penal Brasileiro" - São Paulo - 2ª edição - 1893.
- Fernandes, G. - "O folclore mágico do nordeste" - Vol. XVIII - Rio de Janeiro - 1938.
- Freire, L. - "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa" - Rio de Janeiro.
- Freyre, G. e outros - "Novos estudos afro-brasileiros" - Vol. IX - Rio de Janeiro - 1937.
- Grave, J. e Coelho Neto - "Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro" - Porto.
- Hancock, H.I. - "Educação Física Japonesa" - Rio de Janeiro - 1905.
- Nascentes, A. - Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa - Rio de Janeiro - 1932.
- O.D.C. - "Guia do capoeira ou ginástica Brasileira - Rio de Janeiro - 1907.

- Querino, M. - "Bahia de outrora" "A raça africana e seus costumes na Bahia" - in Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia da Bahia - 1916.
- Ramos, A. - "As culturas negras no Novo Mundo" - Vol. XII - Rio de Janeiro - 1937.
- "O folclore negro do Brasil" - Vol. IV - Rio de Janeiro - 1935
- Ribeyrolles, C. - "Brasil Pitoresco" - 2º volume.
- Rodrigues, N. - "O animismo fetichista dos negros bahianos" - Vol. II
Rio de Janeiro - 1935.
- Sete, N. - "Maxambombas e Maracatús" - Recife - 1938.
- Dicionário Enciclopédico Ilustrado - Empresa de Publicações Modernas
Moura Barreto & Cia. - Rio de Janeiro.
- "O negro no Brasil" - de vários autores - Vol. XX - Rio de Janeiro -
1940.

INDICE

ÍNDICE

Plano	5
Capítulo I - Apontamentos para a história da capoeiragem no Brasil	9
Capítulo II - O que alguns historiadores e cronistas nos contam da capoeiragem	26
Capítulo III - A influência da capoeiragem na literatura nacional	51
Capítulo IV - A preparação do capoeira	67
Capítulo V - Contribuição para um plano de treinamento da capoeiragem	73
Bibliografia	109

